

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
INSTITUTO GOIANO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA
CURSO DE ARQUEOLOGIA**

**PROTOCOLOS DE CONSERVAÇÃO PARA O MATERIAL ARQUEOLÓGICO
ESCAVADO DO SÍTIO DA DIOCESE DA CIDADE DE GOIÁS.**

ISABELLA PEREIRA SILVA

ORIENTADORA: CRISTIANE LORIZA DANTAS / PUC GOIÁS

GOIÂNIA

2025

ISABELLA PEREIRA SILVA

**PROTOCOLOS DE CONSERVAÇÃO PARA O MATERIAL ARQUEOLÓGICO
ESCAVADO DO SÍTIO DA DIOCESE DA CIDADE DE GOIÁS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Escola de Formação de Professores e
Humanidades (EFPH) da Pontifícia Universidade
Católica de Goiás (PUC Goiás), como requisito
para obtenção do título de bacharel em
Arqueologia

Orientadora: Cristiane Loriza Dantas

GOIÂNIA

2025

ISABELLA PEREIRA SILVA

**PROTOCOLOS DE CONSERVAÇÃO PARA O MATERIAL ARQUEOLÓGICO
ESCAVADO DO SÍTIO DA DIOCESE DA CIDADE DE GOIÁS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Escola de Formação de Professores e
Humanidades (EFPH) da Pontifícia Universidade
Católica de Goiás (PUC Goiás), como requisito
para obtenção do título de bacharel em
Arqueologia.

Orientador (a): Prof. Dr. Marcos Paulo de Melo Ramos

Escola de Formação de Professores e Humanidades

Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Coorientador(a): Prof.^a Ma. Cristiane Loriza Dantas

Escola de Formação de Professores e Humanidades

Pontifícia Universidade Católica de Goiás

1 Examinador (a): Prof.^a Ma. Dulce Madalena Rios Pedroso

Escola de Formação de Professores e Humanidades

Pontifícia Universidade Católica de Goiás

2 Examinador (a): Prof.^a Ma. Anna Flora Noronha Moni

Museu Nacional - UFRJ

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Agradecimentos

Desde o início da minha jornada da faculdade penso em quem devo agradecer nos Agradecimentos finais do TCC.

Em primeiro lugar, agradeço minha mãe, Helena de Jesus Campos Silva. Mamãe, esse diploma é seu também. Desde minha nascença você me estimulou a ter curiosidade e a ser criativa, me ensinou a sempre procurar a aprendizagem. Me mostrou que o mundo não é preto e branco como eu imaginava, e que eu não preciso de nenhuma outra pessoa para ser completa e contente. Obrigada pelo apoio, pelo amor, por segurar minha mão, por nunca desistir de mim, e nunca deixar eu desistir de mim mesmo.

À minha irmã, Ana Beatriz, talvez a única pessoa nesse mundo que compartilha as mesmas dores e dificuldades que eu mesmo. Sua existência sempre vai me deixar segura de que nunca serei sozinha de verdade.

A meu pai, José Aurélio Pereira Silva, que está tão longe, mas nunca deixou de fazer de tudo para mim, que faria qualquer coisa para me ver feliz. Me daria o mundo, se pudesse. Obrigada papai, esse diploma é seu também. Eu teria absolutamente nada sem os sacrifícios que você e a mamãe fizeram para mim, e eu carrego esse amor infinito de vocês dentro de mim todo dia.

Às minhas filhas/cachorrinhas, Ollie e Jolie. Nunca soube quanto a inocência e a pureza dos animais pudessem ser tão terapêuticos. Principalmente minha anjinha Daisy, que sempre soube quando eu estava triste e tentava me consolar, me acompanhando desde meus dias como criança em Port Saint Lucie. Eu te amo para sempre.

Gostaria de dar um agradecimento especial aos meus amigos de curso que me acompanharam desde o início do curso, Juliana Oliveira Romualdo e Ronilson Silva Cordeiro, que também nunca me deixaram desistir de mim mesmo, e nunca me deixaram na mão. Guardarei as memórias desses três anos e meio com muito carinho e para sempre.

Ao meu namorado, Cale Copeland, mesmo não conseguindo ler o português, queria te agradecer pela companhia, pela paciência e pelo amor que você tem por mim, sua

gentileza me inspira a ser uma pessoa melhor todo dia. Você não sabe o quanto eu sou orgulhosa de ti.

À minha única amiga de Jaraguá, que nunca deixou de lembrar de mim, Rafaela Vilela. Obrigada pela amizade, tão especial para mim, você não tem ideia. Meus dias no ensino fundamental e ensino médio teriam sido bem mais entediantes sem você. Nessa cidade tão pequena e triste, você me alegra e me relembra de quem eu sou de verdade.

Aos meus amigos virtuais e espalhados pelo mundo, mas de coração, Natalie Neagu, Erik Yzeiri, Silvio Campanaro, Garret Brown, Matt Kiernan, Alex Porter. Cada um tão diferente e especial, tão inteligentes e dedicados, eu me orgulho de ser chamada de amiga desse povo!

Queria agradecer em especial alguns professores, como a Cristiane Loriza Dantas, que me orientou no TCC, mas também por ser uma ótima coordenadora de curso e professora, a que despertou meu interesse pela conservação e restauração e a arqueologia histórica. Também agradeço em particular a Professora Rosiclér, que me apoiou tanto ao longo do curso, também me apoiando e me guiando pelas complexidades de Serranópolis e minha Iniciação Científica. Sempre me tratou com tanto carinho, espero um dia retribuir.

Também agradeço alguns profissionais que me ajudaram quando eu sentia tão longe de todos e de tudo, minha psicóloga Andressa Crema e minha psiquiatra Dra. Gabriela Balduino.

À minha tia, que me tratou como uma filha desde criança, Tia Rosa e seus filhos, Pedro Felipe e Fernando Filho, e também Victor Moraes, os irmãos que nunca tive.

Por último, eu quero me agradecer. Apesar de todos os problemas do mundo, só Deus sabe o que eu passei na minha vida. Eu me dediquei ao máximo para absorver todo o conhecimento que eu pude, eu saí da minha zona de conforto completamente para dar um passo a um futuro melhor, a um futuro que meus pais lutaram tanto para me dar, a uma vida de paz e curiosidade e amor e felicidade. Obrigada.

Resumo

O presente Trabalho de Conclusão de Curso apresenta o tema e conceitos de conservação sobre os fragmentos e objetos de vidro e louça escavadas no sítio arqueológico da Diocese de Goiás na Cidade de Goiás. Ele engloba a contextualização do local, ambiente e a Diocese, também como os métodos de aplicação da conservação e proposição de protocolos de conservação e a discussão de como a análise do material leva à necessidade de ter a conservação dos materiais.

Palavras-chaves: Arqueologia Histórica; Conservação; Conservação preventiva; Conservação arqueológica

Abstract

This Final Course Project presents the theme and concepts of conservation of glass and earthenware fragments and objects excavated at the archaeological site of the Diocese of Goiás in the city of Goiás. It encompasses the contextualization of the site, environment, and the Diocese, as well as the methods of applying conservation and proposing conservation protocols, and a discussion of how the analysis of the material leads to the need for its conservation.

Keywords: Historic Archaeology; Conservation; Preventative conservation; Archaeologic conservation;

LISTRA DE ILUSTRAÇÕES

Lista de Figura

Figura 1 - Nações indígenas em Goiás.	12
Figura 2 - Palácio Conde dos Arcos e Igreja Boa Morte.....	14
Figura 3 - Rio Vermelho.	14
Figura 4 - Planta de Vila Boa.....	17
Figura 5 - O Seminário Santa Cruz.	19
Figura 6 - Referência cruzada entre ações conservativas e objetivos conservativos.	26
Figura 7 - Resquícios de adesivo de fita crepe em louça.	34
Figura 8 -Gargalo com irisação.	35
Figura 9 - Vidro QBÔA.	37
Figura 10 - Base de vidro Cisper.....	37
Figura 11 - Louça Copeland.	42
Figura 12 - Remoção do adesivo remanescente da fita crepe antiga.	49
Figura 13 - Resquícios de manchas de cola e adesivo	50
Figura 14 - Pinico reconstruído.	51
Figura 15 - Pinico reconstruído.	51
Figura 16 - Pinico reconstruído.	52
Figura 17 - Prato parcialmente reconstruído.	52
Figura 18 - Prato parcialmente reconstruído.	53
Figura 19 - Vidro em processo de deterioração física (fosco).	54
Figura 20 - Garrafas de vidro em processo de irisação.....	55
Figura 21 - Base de vidro em processo de irisação.	56

Lista de gráfico

Gráfico 1 – Material.	36
Gráfico 2 - Recipientes.	38
Gráfico 3 - Peça do vidro.....	38
Gráfico 4 – Manufatura.....	39
Gráfico 5 - Molde.	39
Gráfico 6 - Formação de base.....	40
Gráfico 7 - Formação de gargalo.....	40
Gráfico 8 - Função da peça.	41
Gráfico 9 - Superfície da peça.....	41
Gráfico 10 -Tipos de louça.	43
Gráfico 11 - Peça de louça.	43
Gráfico 12 - Esmalte louça.	44
Gráfico 13 - Superfície louça.	44
Gráfico 14 - Decoração.	45
Gráfico 15 - Decoração pintado.....	45
Gráfico 16 - Transferprint – Cena.....	46
Gráfico 17 - Padrão decorativo.....	47

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

ICOMOS – Conselho Nacional de Monumentos e Sítios

CIMI – Conselho Indiginista Missionário

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

ABRACOR – Associação Brasileira de Conservadores e Restauradores

SAB – Sociedade de Arqueologia Brasileira

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

Embrapa – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

ICOM – Conselho Internacional de Museus

PAIPA – Projeto de Avaliação de Impacto ao Patrimônio Arqueológico

SECULT – Secretaria de Estado de Cultura

PUC-GO – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

SUMÁRIO

1.	Introdução	10
2.	Contextualização:	11
2.1	A cidade	11
2.2.	A Diocese	18
2.3.	As contribuições de Dom Prudêncio	20
2.4.	Projeto de resgate e monitoramento, obra de requalificação da sede da Diocese e instalação do arquivo diocesano	21
2.5.	Contextualização ambiental	23
3.	Referencial Teórico	24
3.1.	Conservação arqueológica	24
3.2.	Conservação preventiva	27
3.3.	Arqueologia Urbana	29
3.4.	Restauração	30
4.	Metodologia	31
4.1.	Análise dos materiais históricos (vidro e louça)	32
5.	Resultados	33
5.1.	Condições do material (vidro e louça)	33
5.2.	Resultados da análise arqueológica	36
5.2.1.	Vidro	36
5.2.2.	Louça	41
5.3.	A conservação	47
5.4.	Degradações e protocolos	54
6.	Considerações finais	57
	Referências Bibliográficas	59
	Apêndice	64

1. Introdução

No continente americano é possível separar dois momentos através da arqueologia: arqueologia pré-histórica (Rubin et al., 2023) e a arqueologia histórica (Dantas, 2015), os dois abordam momentos diferentes na história. Objetos de materiais pré-históricos são encontrados em estratigrafias mais profundas e tendem a ser relacionados a caçadores-coletores e/ou agricultores-ceramistas, ou seja, anos anteriores a chegada dos colonizadores. Esses artefatos tendem a ser ferramentas líticas, evidências de fogueiras, buracos de estaca, fragmentos de cerâmica, arte rupestre, entre outros. (Rubin et al., 2023)

Destarte, com a chegada dos europeus nas Américas acerca do ano 1500, também foi introduzido suas novas tecnologias, como o uso de armas de fogo, faiança fina, costumes e culturas bastante diferentes dos povos originários que residiam no continente antes da colonização (Silverman, 2016). Este trabalho terá foco em materiais encontrados em sítios da cronologia histórica, especificamente vidros e louças (cerâmicas de queima alta), explorando os materiais trazidos pelos europeus no período colonial do Brasil.

Em textos sobre a arqueologia no Brasil, é visto a importância dada a etapa de escavação durante esses projetos (Barretos, 1999-2000), mas raramente são vistos trabalhos em relação aos cuidados que devem ser tomados para proteger e manter os objetos arqueológicos em condições estáveis. Neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), o relato da análise realizada das peças arqueológicas históricas será caracterizado e logo após, será feito uma análise de perspectiva conservativa, observando as patologias encontradas e as causas delas. Ao final, sugestões de ações conservativas futuras serão propostas, para continuar a manter a estabilidade da coleção.

A necessidade da conservação dessas materialidades se inicia desde o momento de desenterro, o qual entra em contato com oxigênio na superfície durante a escavação, até a chegada ao laboratório onde é feito a conservação ativa e posteriormente a conservação passiva (IBRAM, 2019). O objetivo desta monografia é a conservação de materiais arqueológicos encontrado no sítio da Diocese, da Cidade de Goiás, compreendendo as materialidades em seus aspectos qualitativos, associados a conservação, ou seja, no presente Trabalho de Conclusão de curso, os objetivos não se relacionam ao quantitativo, mas sim foca nas materialidades em um

cenário qualitativo de conversação, desenvolvendo a prática da conservação do começo ao fim, visando a conservação de um grupo específico de materiais de origem histórica, sendo o material vítreo e de louça.

Com isso, considera-se as motivações do uso desse tema; a escolha da área de estudo para este trabalho de conclusão se refere ao desejo de conduzir um projeto ligado a área museológica com práticas laboratoriais. A partir dessas motivações está a objetivação de um futuro mestrado no campo da conservação.

Além do mais, a análise desses materiais, e o subsequente processo de conservação contribuirá para a progressão da contextualização e conhecimento da história da área da Diocese da Cidade de Goiás e seu patrimônio. Nesse sentido, também destaca a baixa relevância que o tema de conservação de objetos tem em pesquisas arqueológicas no Brasil atualmente, encontrando a maior parte da atenção dada às escavações e análises de peças e dados em laboratório.

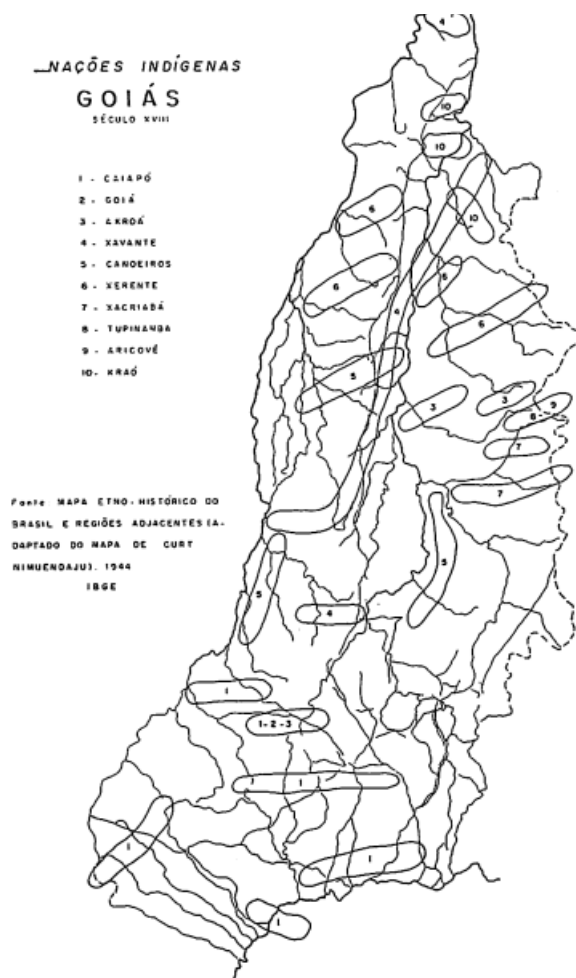
Também deve ser mencionado que, durante o processo do trabalho, algumas mudanças de objetivos e metodologia ocorreram. Essas mudanças acabaram impactando a quantidade de material trabalhado. Deve ser levantado que o objetivo e foco deste trabalho não foi sobre uma meta específica ou dados brutos e por isso, foi empregado um foco mais qualitativo.

2. Contextualização:

2.1 A cidade

A Cidade de Goiás é uma cidade localizada no noroeste do estado de Goiás, fundada em 1727 como o primeiro agrupamento dos colonizadores no novo território do interior do Brasil, a primeira cidade de Goiás (Tiballi, 1991 – p.57).

Figura 1 - Nações indígenas em Goiás.



Fonte: Tiballi, 1991.

Observa-se a chegada dos portugueses em 1500 em território brasileiro, e, com o passar do tempo, quando os colonizadores europeus enfrentaram uma escassez de mão de obra escrava no século XVII, os portugueses perceberam a dificuldade da importação dos escravos africanos, e ao mesmo tempo vão perceber o benefício e a lucratividade da escravização dos indígenas, sendo que já estavam naquele território. Pelo fato de o litoral já ter passado por vários massacres de povos indígenas anteriormente, decidiram encontrar indígenas no interior do território para escravizar, e, no território onde hoje se encontra o estado de Goiás, foram encontrados vários grupos indígenas, incluindo os Kayapó, Xavante, Xerente, Tupinambá, Krahô, incluindo os Goya, grupo que irá inspirar o nome do futuro estado: Goyaz e depois Goiás (Tiballi, 1991).

Quem viaja para encontrar esses indígenas eram principalmente os paulistas e os religiosos, o primeiro para aplicá-los em lavouras açucareiras, mineração ou para vendê-los nos centros do nordeste e o último para catequizá-los (Tiballi, 1991).

Deram ao Bartolomeu Bueno da Silva, um bandeirante, o título de fundador da Capitania de Goyas, pois o bandeirante esteve naquela terra como criança, acompanhando seu pai – também Bartolomeu Bueno da Silva – onde conheceram os Goyá, grupo indígena, levando à nomeação do estado anos depois (Tiballi, 1991)

O pai de Bartolomeu Bueno da Silva expressou ao seu filho que os indígenas Goyá sabiam dizer onde tinham minas de ouro nas proximidades do Rio Vermelho. Assim que as minas de ouro foram encontradas pelos colonos, grandes quantidades de pessoas se concentraram nas terras que cercavam o Rio Vermelho, que será nomeado Arraial Sant'Anna em 1727 (Tiballi, 1991). Mas, pouco mais de dez anos depois, em 1739, é renomeado Vila Boa de Goiás, que estimulará a construção de edificações públicas como a Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte e o Palácio Conde dos Arcos (Borges, 2021).

A atividade mineradora ao longo do Rio Vermelho criou umas séries de arraiais para a causa mineradora, e esses arraiais foram criando outros núcleos de mineração cada vez mais afastadas no centro original. Com a estruturação da Sant'ana espelhando os arraiais de Minas Gerais, apenas num segundo momento o arraial vai se expandir para longe do Rio Vermelho (Coelho, 1997).

Os bandeirantes e os mineradores escolheram locais um pouco mais afastados do rio e então assim foram formando as primeiras ruas, introduzindo primeiramente, de acordo com costume, uma capela dedicada à invocação do santo do dia a instalação do assentamento (Coelho, 1997).

De acordo com Palacín (1994), a economia inicial de Vila Boa se baseou nas minas e atividades mineradores, principalmente o ouro, mas também incluindo a mineração de cascalho e de morro.

A economia baseada na mineração do ouro durou cerca de 40 anos, de acordo com os estudos de Palacín (1994) e com isso, a vila e as minas entram em decadência, levando à diminuição da população. Vários vão deixar a cidade em procura de outras oportunidades de trabalho, além de vários outros núcleos populacionais, que foram criados pela descoberta das minas ao redor, também sendo abandonados (Tiballi, 1991).

Figura 2 - Palácio Conde dos Arcos e Igreja Bôa Morte.



Fonte: IBGE, 2025.

Figura 3 - Rio Vermelho.



Fonte: IBGE, 2025.

Vila Boa é elevado à capital do estado em 8 de novembro de 1749, e torna-se cidade em 1818, mudando o nome novamente através da Carta régia de Dom João VI, agora Cidade de Goiás (Estado de Goiás, 2004). Apesar da escrita da carta, ela é

apenas publicada um século depois, sendo que sua mudança oficial ocorre em 1918, onde a capitania apenas dura mais duas décadas, até ser transferido para a nova cidade construída, Goiânia (Estado de Goiás, 2004).

A intenção do desenvolvimento do estabelecimento do núcleo tem base em três fatores. O primeiro é o surgimento da rua do Comércio, o lugar onde terá movimento mais intenso, construções mais sólidas e o uso de taipa-de-pilão nas fachadas (também, de certa forma, demonstrando o poder econômico dos proprietários) e finalmente a concentração “discreta” de pardos, mulatos e negros na saída da cidade (Coelho, 1997). Essa concentração de populações marginalizadas criava outras ruas que se afastavam do centro, e então compreende que os três fatores para o estabelecimento do núcleo, foi a organização, direcionamento e retificação do espaço, de acordo com Coelho (1997).

Depois da consolidação desse centro e algumas ruas levando à saída da cidade, aqui vemos a construção de algumas estruturas religiosas, como a capela de Sant’Ana (depois reedificada para ser Matriz) e no outro lado do rio, a igreja Nossa Senhora do Rosário. Essas duas estruturas religiosas são edifícios que exemplificam a segregação social e racial da época, separando os brancos e senhores dos pretos e pardos, que habitavam a maioria da rua Cambaúba (Coelho, 1997).

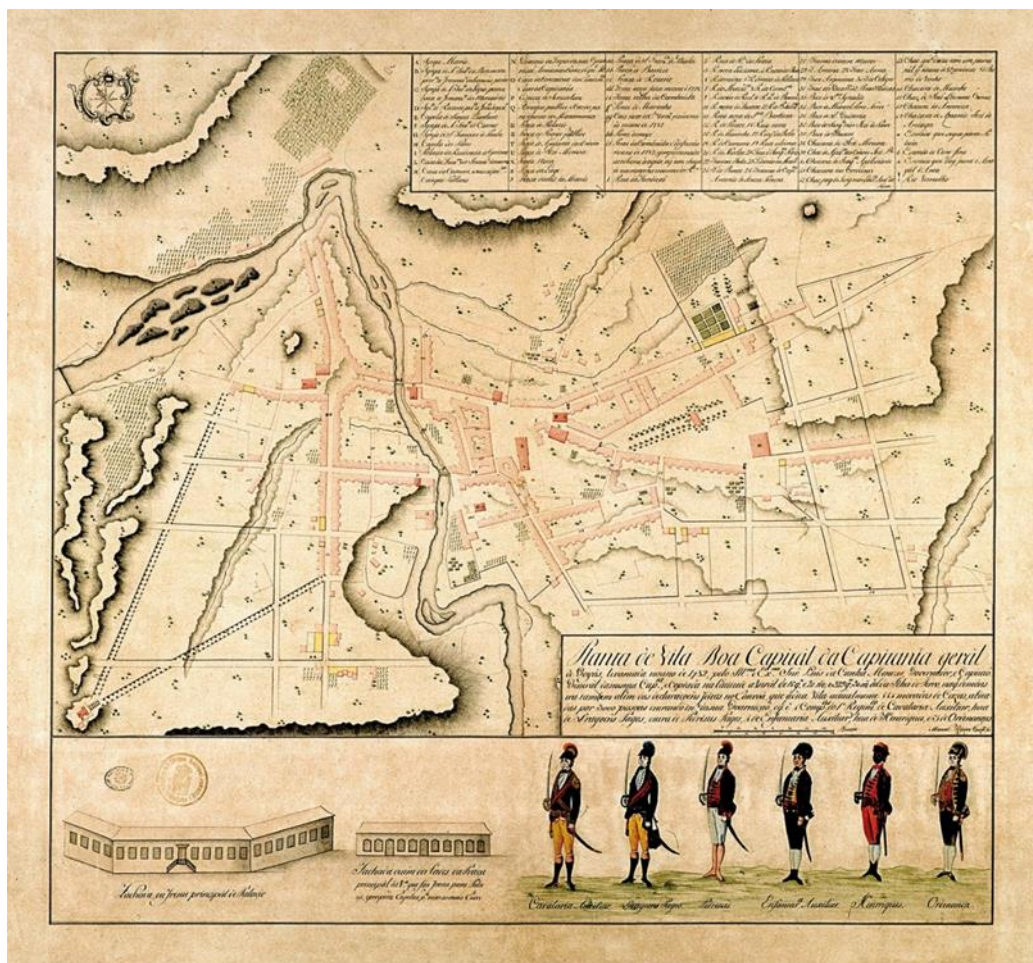
No século XVIII o estabelecimento da vila se torna um assunto central, ordenada a implantação de uma vila nas minas de Goiás através da carta régia. O rei, nesta carta, pede que o local seja próximo de um arraial já estabelecido, para transferir a população à nova vila sem muitas dificuldades. Ele também pede uma certa homogeneização estética nos edifícios que serão levantados, e a estética espelhada seria da colônia, ou seja, a estilização portuguesa. Além dos elementos estéticos, a coroa pede a homogeneização da estruturação física das ruas, impondo a obrigatoriedade da construção de uma igreja, Casa de Câmara e Cadeia (Coelho, 1997).

Até o momento, a vila veio a ser governada pelo governo paulista, mas em 1749 é nomeado o primeiro governador de Goiás, o Conde dos Arcos, D. Marcos de Noronha. Infelizmente, Goiás chega a ter três governadores até 1770, sendo que todos três passam pelas suas administrações descuidando da estrutura urbana da capital (Coelho, 1991). Apesar da despreocupação dos administrantes, até o final do século a Vila viu a construção do Palácio dos Governadores, a Casa de Fundação e o Quartel dos Dragões, a Casa de Câmara e a Cadeia (Coelho, 1997).

Entre 1770 e 1800 a economia, que era então baseada na mineração de ouro, começa a entrar em declínio, causando uma transferência de interesse em atividades econômicas para outras que também são ligados em comércio, mudando para a tecnologia e mão-de-obra (Coelho, 1997). Também vemos nesta época a construção de novos edifícios religiosos como a igreja da Boa Morte, do Carmo e d'Abadia, e com isso, no final do século, uma reestruturação urbana (Coelho, 1997), em que Boaventura (2007, p. 25-26, apud Cabral, 2016 p. 27-28) descreve que:

Em Goiás, especificamente, essas reorientações do governo português fizeram surgir mais de cinquenta arraiais em um território que desde os primeiros momentos do século XVIII foi controlado por regimentos, levantamentos cartográficos, criação de caminhos, instituição da Prelazia, da Capitania, fundação da capital (Vila Boa), definição de procedimentos jurídico-administrativos, instalação de intendências, formação de aldeamentos, casas de fundição e postos alfandegário (...) criou o Conselho Ultramarino, responsável pela elaboração e execução dessas novas orientações (...) no contexto expansionista e de consolidação de posses de terras, garantidas pelas formações de núcleos urbanos, cujas concepções ou modos de organização podem remontar às diversas e complexas formas de fazer cidades possibilitadas pelas ricas experiências da Expansão Ultramarina (...) Esse é o momento em que se pode encontrar as raízes do urbanismo colonial brasileiro, quando Portugal formou um programa de fundação de cidades com novas práticas urbanísticas que se desenvolveram, se diversificaram e se estenderam (...).

Figura 4 - Planta de Vila Boa.



Fonte: Arquivopublico.df.gov.br.,2025.

A Cidade de Goiás foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1952, com vários prédios sendo preservado por suas características históricas. Apesar do tombamento e a preservação de vários edifícios, a cidade lutou por alguns anos pelo título de Patrimônio da Humanidade com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), onde compôs-se um dossiê que reunia várias informações sobre a cidade, como a história da população, o meio ambiente e a cultura. Submeteram o dossiê à Unesco em 1999, e foi aprovado o título em 2001, também levantando o interesse do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (Icomos) (Estado de Goiás, 2004).

No dossiê, se destaca a religiosidade da cidade, pela construção e preservação de vários monumentos, construídas no século XVIII, incluindo as várias festas culturais-religiosas como a Folia de Santo Reis e a Procissão do Fogaréu. Além da religião cristã, também vemos a influência africana se entrelaçando no século XVIII e

VIX, que descende dos escravos africanos, trazidos ao Brasil durante a corrida do ouro (Borges, 2021).

A cidade de Goiás celebra várias festividades relacionados à religião cristã, principalmente a católica. Com várias capelas, igrejas e catedrais ligadas a procissões e festas divinas, compreende-se a importância da religiosidade à cultura da Cidade de Goiás, e também pelo estado de Goiás (Borges, 2021).

2.2. A Diocese

No ano de 1745, o Vaticano assina a bula *Candor Lucis Aeternae* (Candor da Luz Eterna), em que cria a Prelazia de Goiás. A Diocese em si foi erguida em dezembro de 1745, mas o primeiro prelado é nomeado em 1784 – sendo Dom Frei Vicente do Espírito Santo (sob criação do Papa Bento XIV). A prelazia é elevada a bispado em 1826, e, depois de um século- em 1932 – se torna a arquidiocese. Finalmente, pela bula do Papa Pio XII, a arquidiocese é extinta e reerguida (no mesmo ano) em 1956 (Diocese de Goiás, 2021).

Infelizmente, o prédio da sede apenas fica pronto a partir de 1824, com a chegada do Dom Francisco Ferreira de Azevedo, o novo bispo da Diocese, sendo que os últimos quatro bispos nunca estiveram em terras goianas (Diocese de Goiás, 2021).

Apesar das ausências de bispos, em 1749, o governador Conde dos Arcos chega juntamente com o Governador da Prelazia, padre Dr. João Perestrello de Vasconcellos e Spínola. De acordo com Bertran e Faquini (2001), Perestrello toma posse como governador da Prelazia um ano antes do Conde, e exerce seu poder de forma tirânica em Vila Boa. Infelizmente, conforme o historiador Alencastre (Alencastre, 1863; apud Bertran; Faquini, 2001), sua personalidade, logo em seguida, se revelaria como bastante instável:

De gênio inquisitorial, zeloso de suas atribuições que não compreendia bem, violento até à loucura, o Ver. Prestrello estava sempre pronto a fulminar censuras e agravações contra quem quer que fosse; e não poucas vezes, em ato de celebração de culto, em presença de numeroso auditório, troava a sua voz, e o raio da excomunhão caía, fulminando as autoridades civis e militares....

O padre governador, depois de causar o caos durante e fora de missas, foi preso e avaliado por médicos profissionais de Vila Boa. O laudo, depois da avaliação

do padre, declara que Perestrello estava “pouco seguro das suas faculdades mentais” e aparentemente ele “enlouquecia” a cada vinte dias (Bertran; Faquini, 2001).

A sede sempre foi no mesmo local e utilizado para questões religiosas/católicas, tomando o controle das igrejas do estado em 1826, quando foi elevado à Diocese. E logo na década de 1840, começam a cobrar a Corte Portuguesa para o investimento de um seminário, objetivando a formação do clero do estado. Após alguns obstáculos nos investimentos na Diocese e o próprio seminário, a construção do seminário de Santa Cruz é construída em 1827 e entregue ao bispo Dom Francisco Ferreira de Azevedo em 1830 como o seminário de Santa Cruz, mas também como o Palácio Episcopal, funcionando como residência do bispo (Cabral, 2016).

Infelizmente, com alegações de fraude por parte do governo, relacionado à sonegação da vitaliciedade dos professores, e também a transferência do Bispo Dom Joaquim à Bahia, o seminário teve de ser fechado em 1879. Apesar de fechar o seminário, as ideias e memórias deixadas por ela nunca desapareceu (Cabral, 2015, p.4). Por exemplo, vemos que o beco que ficava atrás do seminário deixou um legado e foi nomeado Beco do Seminário, onde deixou o valor simbólico do seminário.

Figura 5 - O Seminário Santa Cruz.



Fonte: <https://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/o-livro-seminario-santa-cruz-de-ronaldo-silva-e-fonte-de-consulta-obrigatoria-542064>.

Até aquele momento, a única forma de ter alguma formação na vila era através do seminário, e depois do fechamento, por causa do sonegamento dos fundos,

também foram fechadas mais de 31 escolas primárias no estado inteiro (Silva, 2006, p.222 apud Cabral, 2016, p. 50). Para a continuação da educação da vila, estabeleceu-se o Colégio Sant'Anna no final do século XIX, e acaba funcionando até o século XXI, no ano de 2015 (Cabral, 2016. p. 51), onde é fechada por questões financeiras.

Logo no século XX, vemos a reabertura do seminário de Santa Cruz juntamente com outros colégios salesianos na região, como o Ginásio Arquidiocesano Anchieta e o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (Cabral, 2016, p.52).

Em seguida, em 1932, vemos que a Diocese eleva seu status para Arquidiocese e Sede Metropolitana para o estado de Goiás. Mas após o ano 1956, a Arquidiocese de Goiás é extinguida pelo Papa Pio XII e instala no mesmo ano a Diocese.

Além de assuntos religiosos, a Diocese foi palco para algumas outras situações como a posse temporária de dominicanos, que durou até 1960, onde Dom Tomás Balduino é nomeado como bispo. Ele também contribuirá em assuntos como a fundação do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), como defensor de direitos humanos e a reforma agrária.

Vemos então que a Diocese tem valor além do religioso, em que contribui socialmente e culturalmente à memória coletiva da população e Cidade de Goiás. As características históricas e arquitetônicas que foram preservadas, as festas e celebrações que demonstram a necessidade de ter cultura imaterial preservada, são todos aspectos da Cidade de Goiás que ressaltam a importância da cidade pela perspectiva nacional e internacional.

2.3. As contribuições de Dom Prudêncio

Com a saída do Dom. Eduardo, ocorreu vários assentos vazios e conflitos de interesse. No início do século XX, introduz-se à Diocese o Dom. Prudêncio Gomes da Silva, que nasce 3 de agosto de 1868, na própria Vila Rica, e ele inicia seus estudos preparatórios no colégio do “Mestre Emilio” (Silva, 2006).

Em 1907, enquanto Dom Prudêncio viva sua vida como diretor da freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Boa Vista, no estado de Minas Gerais, Dom Silvério escreve uma carta ao Prudêncio estendendo o segundo convite (a esta altura) de ser o Bispo de Goiás (estilizado Goyaz), porém o diretor irá recusar, pela segunda vez.

Apesar de recusar a posição na Diocese, ele se vê sendo recebido como o sexto bispo da Igreja de Sant'Ana dos Goiás no dia 23 de setembro de 1908 (Silva, 2006).

Pela grande ausência oficiais na diocese na cidade goiana, Dom Prudêncio toma posse da igreja com visão de reconstrução, começando logo no segundo dia de sua posse, já assina requerimento à Câmara Federal dos Deputados (Silva, 2006).

O novo bispo vai reorganizar e reconstruir novas oportunidades para a Diocese, como a compra do velho prédio de Ouro Fino e reinaugura um novo seminário (Seminário de Ouro Fino), traz seu jornal que iniciou durante seu tempo na Conceição de Boa Vista, nomeado "O Lidador", e preenche várias vagas eclesiais que faltavam para o funcionamento da Diocese. Durante tempos de instabilidade política Dom Prudêncio mantém a estabilidade da Diocese e a comunidade católica em Vila Boa e, depois de um ano como bispo da Diocese, ele consegue comprar o palacete do Coronel Rocha de Lima, para ser a residência episcopal, nomeando-o "Palácio da Conceição" e durante a inauguração, o padre anuncia a reconstrução da Catedral de Sant'Ana. Logo em seguida, ele passa a direção do seminário de Ouro Fino (Silva, 2006).

Durante toda sua vida trabalhando na diocese, sempre procurou enriquecer o estado com a proposição de novas paróquias e renovações de igrejas, fazendo várias visitas pastorais em todo o estado de Goiás, passando por cidades como Jaraguá, Pirenópolis, Anápolis, Rio Verde, Jataí, Corumbá, entre outras (Silva, 2006).

Infelizmente no final da vida de Dom Prudêncio, a Diocese ficou com poucos recursos, e Dom Prudêncio falece no dia 19 de setembro de 1921 (Silva, 2006).

2.4. Projeto de resgate e monitoramento, obra de requalificação da sede da Diocese e instalação do arquivo diocesano

A necessidade de reavaliar o estado da Diocese veio à tona nos últimos anos a partir do Programa de Aceleração do Crescimento, conhecido como PAC Cidades Históricas, em que o programa tem como objetivo valorizar contextos históricos e culturais que passaram por situações de colonização, ocupação e/ou urbanização. O programa investe em bens culturais patrimonializados que possam contribuir a qualidade para cidadãos e o turismo, o que inclui infraestruturas que impactam grande parte dos vilaboenses, ou seja, o edifício da sede da Diocese de Goiás (Dantas; Oliveira, 2015).

Com orientação da Carta de Veneza (1964) e a Carta de Restauro (1972), esse projeto de monitoramento e salvamento arqueológico propôs a identificação e salvaguarda daquilo encontrado no espaço da sede da Diocese (Dantas; Oliveira, 2015).

O objetivo arqueológico foi promover o resgate e monitoramento da obra de requalificação da sede para gerar dados que podem contribuir à cidade de forma significativa, em que terá o desenvolvimento completo da pesquisa arqueológica, englobando a elaboração do projeto, levantamentos históricos, escavações, monitoramentos das outras obras, curadoria e análise do material encontrado na sede da Diocese (Dantas; Oliveira, 2015),

Na edificação, foram executadas intervenções físicas e no subsolo para a restauração e requalificação, realizados pela empresa Marsou Engenharia LTDA, levantamento de dados secundários e dados primários empíricos, e levantamento histórico-cultural dos bens e contexto urbano em que se situava. O cronograma total dos serviços foi uma duração de 8 meses (Dantas; Oliveira, 2015).

A área de estudo englobava também a implantação do arquivo diocesano. Para isso durante a delimitação da área de estudo, foi identificado a existência de edificações e outras estruturas, sendo então que a área de estudo foi ampliada para acomodar essas outras estruturas anteriores, chegando a ser um quarteirão inteiro (Dantas; Oliveira, 2015).

Para atender apropriadamente os objetivos do projeto da requalificação, com os resultados provenientes das escavações das sapatas de fundação viram que, a partir das unidades amostrais, eles não atenderiam as necessidades metodológicas novas. A mudança de metodologia tinha base na importância da identificação de estrutura arqueológica e a identificação de locais com alta concentração de material arqueológico. Por isso, as unidades amostrais tiveram de ser ampliadas e novas áreas tiveram de ser abertas para a compreensão do contexto arqueológico (Dantas; Oliveira, 2015).

No entanto, foram abertas as áreas A/B/C para evidenciar a estrutura arqueológica e as áreas D e E foram realizadas nos locais em que se encontraram concentrações de material (Dantas; Oliveira, 2015).

As sapatas abertas foram utilizadas como unidades amostrais e escavadas sistematicamente, e foram abertas algumas sondagens, porém não fazem parte da estrutura principal. Depois das escavações das sapatas, a equipe já tinha

conhecimento de material arqueológico na área onde fizeram a construção da garagem do arquivo diocesano, mas também sabiam que não teriam tempo para fazer uma escavação do local. Para isso, juntamente com a equipe do IPHAN, foi decidido que a equipe da restauração faria a escavação cuidadosamente, no local da garagem, com o monitoramento dos arqueólogos, coletando o material da área denominada M01, ou seja, o local de origem do material estudado neste trabalho (Dantas; Oliveira, 2015).

2.5. Contextualização ambiental

De acordo com o artigo de Souza et al. (2020), percebe-se a acidez do solo goiano, e a umidade, principalmente na Cidade de Goiás. As classes de solo encontrado na área da cidade de Goiás apresentam em parte o Neossolo Litólico distrófico e, e pelo outro lado, o Cambissolo Háplico distrófico (Souza et al., 2020). O primeiro sinaliza solos rasos, sendo associado a relevos mais declivosos, e o segundo apresenta relevos com fortes ondulações, e altamente arenosos (Souza et al., 2020).

Além disso, ainda em relação ao ambiente dos materiais, vemos uma ruptura, uma divisão entre uma área a oeste, que coincide com a concentração de Neossolo Litólico e o Cambissolo (Souza et al., 2020). Nesta divisão se refere ao divisor de águas da bacia do Araguaia (Rio Vermelho) e do Rio Tocantins. Também lembrando que o Rio Vermelho passa pelo centro da Cidade de Goiás, pois foi uma decisão intencional durante a decisão da localização do arraial em Goiás.

Além do sedimento e da hidrologia, o contexto da cidade em questão se situa no bioma Cerrado, contendo uma grande biodiversidade em fauna e flora. O cerrado sustenta temperaturas mais elevadas e baixa umidade (Souza et al., 2020).

De acordo com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), o cerrado tem 11 tipos de vegetação, incluindo formações florestas, savanas e campestres. Com mais especificidade, a Cidade de Goiás apresenta, principalmente, as fitofisionomias cerradão, mata de galeria e campo limpo (Embrapa, 2008).

O ponto principal da observação do ambiente do estado e Cidade de Goiás é a observação da umidade, temperatura, clima, tipos de vegetações, animais e solos e ponderar sobre como esses elementos pode ter entrado em contato com o material, e com isso, pode ter impactado o material da escavação do material vítreo e de louça da Diocese.

3. Referencial Teórico

A revisão teórica para este trabalho será dividida para a melhor compreensão do encaminhamento do trabalho. Os maiores temas trabalhadas durante a pesquisa foi, principalmente, a conservação de materiais arqueológicos, a arqueologia urbana, a conservação preventiva e os princípios da restauração.

3.1. Conservação arqueológica

De acordo com Chiossi (2018), o ponto importante para o conservador é perpetuar as informações retidas nos objetos, enquanto para o arqueólogo, seu objetivo é a leitura completa da vida e “pós-vida” do objeto e o correlacionamento disso com as sociedades, povos antigos e suas formas de vida. Para isso, vemos uma importante ligação entre a profissão do arqueólogo e conservador, que é a necessidade da manutenção das características de objetos que serão utilizados em ambientes museológicos e laboratoriais, em função da pesquisa.

Através da Instrução Normativa número 001, de 25 de março de 2015, em processos de licenciamento ambiental, bens culturais acautelados tombados, arqueológicos, registrados e valorados são protegidos em âmbito federal. A Instrução Normativa também aponta o que deve conter no Projeto de Avaliação de Impacto ao Patrimônio Arqueológico (PAIPA), o que inclui no artigo 18, parágrafo 1, inciso três, a “Proposição das atividades de análise e conservação dos bens arqueológicos visando registrar, classificar e conservar o material arqueológico oriundo da execução do Projeto;” (Ministério da Cultura, 2015). Em âmbito federal, quando analisamos as leis sobre o licenciamento ambiental e a arqueologia de contrato, a conservação de cultura material é mencionada como algo importante, mas acaba sendo um aspecto esquecido em prol da garantia do livre acesso, o estímulo criativo e a salvaguarda da cultura.

Os termos “preservar” e “conservar” são bastantes confundidos pelo público leigo quando se discute a conservação de patrimônio cultural. De acordo com a Secretaria de Estado da Cultura e Economia Criativa de Alagoas (SECULT) (2022)

Para preservar o nosso patrimônio, a Constituição Federal Brasileira afirma que o Poder Público, com a colaboração da comunidade, deve promover e proteger o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

Esse tipo de pensamento é muito comum de se ver, mas a perspectiva arqueológica goiana tem poucas referências conservativas e, menos ainda, para a restauração de cultura material móvel, limitando, pela maioria, ao imóvel.

A conservação arqueológica é vista como o encontro das duas disciplinas e profissões, se juntando para o futuro estudo daqueles objetos. Como referência, usamos a definição de conservação do Conselho Internacional de Museus (ICOM) e da Associação Brasileira de Conservadores-Restauradores de Bens Culturais (ABRACOR):

Conservação – todas aquelas medidas ou ações que tenham como objetivo a salvaguarda do patrimônio cultural tangível, assegurando sua acessibilidade às gerações atuais e futuras. A conservação compreende a conservação preventiva, a conservação curativa e a restauração. Todas estas medidas e ações deverão respeitar o significado e as propriedades físicas do bem cultural em questão. (CHIOSSI, 2018 apud ICOM-CC, 2008 apud ABRACOR, 2010).

Enquanto para a arqueologia, compreendemos sua definição de acordo com a Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB):

A SAB reconhece que a Arqueologia é uma disciplina que em todas as suas vertentes trata e envolve aspectos essenciais da condição humana, e, sendo assim, precisa levar em consideração todos os princípios éticos envolvidos no trato da materialidade, não apenas aqueles de cunho e acadêmico. (Chiossi, 2019 apud SAB, 2015).

Apesar da conservação ter uma relação estreita com a salvaguarda de objetos e cultura material em museus, aqui no Brasil, por ser um campo de conhecimento mais recente, a conservação acaba por ter uma forte ligação com a arqueologia (Toledo, 2017).

Em leituras acadêmicas sobre a conservação e arqueologia, sempre frisam a importância da presença de um conservador arqueológico em escavações arqueológicas, já que, de acordo com Nielson-Grimm; Haynie (2019), eles objetivam a identificação dos catalisadores de degeneração dos objetos e estruturas encontrados em contextos arqueológicos.

Esses profissionais são responsáveis pelo gerenciamento e resguardo de vários objetos, até coleções inteiras, desde sua escavação até seu armazenamento, e, claro, entre tudo isso, seus processos de conservação.

As principais fases da conservação arqueológica são: in situ, laboratório e o armazenamento. In situ, ou seja, no seu contexto arqueológico original, o conservador deve colaborar com arqueólogos e pessoas de outras profissões para mapear uma estratégia segura para então coletar os materiais arqueológicos, principalmente os mais frágeis. Quando há presença de objetos ou estruturas frágeis, conservadores podem construir suportes ou aplicar consolidantes para temporariamente estabilizar problemas estruturais do(s) objeto(s). Deve-se notar que o profissional deve tentar ao máximo controlar o ambiente, temperatura e umidade, para manter o objeto seguro e da forma que foi encontrado (Frazzi, 2002).

Figura 6 - Referência cruzada entre ações conservativas e objetivos conservativos.

Objectives		Actions				
		Investigation	Intervention	Prevention	Communication	
	Accessibility	Analyze internal evidence of missing or altered material for visually and functionally accurate reintegration. Where internal evidence is missing, analyze evidence from related examples and historical documents. Scientific analysis of historic materials and construction.	Restore historical form and aesthetic qualities. Reduce concretions that obscure object. Replace or infill missing material based on evidence.	Design safe and accessible exhibit and storage environments. Balance accessibility with use to limit wear and tear. Turn to complete or partial reproductions to reduce or eliminate wear of historic artifacts or most vulnerable components.	Advocate aesthetic re-integration (restoration). Share results of investigation; participate in interpretive dialog. Record interpretations revealed during treatment. Collaborate with owners and other shareholders.	
	Durability	Helping the artifact survive unchanged for study and use in the present and future generations (<i>structural and chemical integrity</i>)	Analyze efficacy of conservation materials. Analyze properties of materials: physical, structure, stability, and aging. Analyze deterioration causes, effects, byproducts, and stabilization. Analyze conservation materials for stability and aging. Analyze destructive effects of environment and use.	Stabilize. Clean surfaces of destructive deposits. Re-attach loose components. Consolidate friable surfaces and unacceptably fragile materials. Isolate incompatible materials. Add protective coatings or barriers.	Identify and reduce hazards to objects and to people working with them. Reduce destructive environmental conditions. Monitor environmental conditions. Design safe moving containers and procedures. Maintain emergency preparedness.	Advocate stabilization. Recommend maintenance and preservation procedures. Advocate preservation statutes.
	Integrity	Protecting for future generations the historical content physically encoded in the artifact; stewardship (<i>physical integrity</i>)	Analyze condition problems and minimally intrusive treatment alternatives. Analyze material evidence. Identify materials and their historical uses to differentiate historical construction, use, and alteration. Analyze construction methods for effect on condition, stability, and physical state. Investigate object's past context and history to corroborate and interpret physical evidence.	Minimize interventions. Use highly targeted methods. Consider non-treatment. Select treatments that are minimally intrusive. Make interventions detectable. Aspire to 'reversible' treatment alternatives. Consider preservation-worthiness of past alterations.	Safeguard original material and other cultural content. Monitor and document changes in condition. See to the archival storage of components and materials removed during treatment.	Advocate preservation of evidence and evolved state. Collaborate with shareholders to accommodate diverse values. Record condition assessments and conservation interventions. See to the archival storage of documentation. Recommend methods to protect vulnerable material evidence.
	Practicality	Adapting to economic, safety, and human resource considerations	Avoid investigations to answer irrelevant questions. Limit investigation to fit time and money constraints.	Reduce intervention to fit time and cost constraints. Increase intervention to enhance economic values. Concede to lab safety.	Balance cost and benefit in planning preventive conservation measures. Be practical in managing risk for artifacts.	Keep documentation appropriate but economical in time and cost. Advance the discipline through publications and other discourse.

Fonte: John R. Watson.

Alguns autores contribuíram na compreensão de certos conceitos sobre a conservação no âmbito arqueológico, como Catherine Sease, que demonstra a necessidade da cooperação entre os dois profissionais. No texto "The Role of the Conservator on an Archaeological Excavation", Sease explica que, apesar da necessidade do conservador numa escavação, a conservação arqueológica é uma subespecialidade da arqueologia e conservação, e essa profissão tem suas próprias metodologias e procedimentos. Ela pode ser dividida em duas grandes categorias: a

conservação de artefatos ou conservação de monumentos/sítios (Japanese Institute of Anatolian Archaeology, 1999).

Um dos aspectos mais importantes do conservador em escavação arqueológica é a manutenção da estabilidade do objeto depois da escavação e durante o transporte ao laboratório, que, muitas vezes pode ser construído aos redores do sítio para facilitar alguns procedimentos emergenciais (Japanese Institute of Anatolian Archaeology, 1999).

3.2. Conservação preventiva

Neste trabalho, uma base bastante importante é a perspectiva da conservação preventiva, em que a conservação apenas objetiva interromper a degradação de um objeto através da ação indireta, como, o controle do meio ambiente do objeto. Com isso, o levantamento bibliográfico de certos livros e artigos apropriados foram usados para auxiliar na compreensão da conservação preventiva, ao principal tipo de conservação observado para este trabalho.

Contemplando livros e manuais sobre a conservação preventiva, são identificados textos como a “Conservação Preventiva de Acervos” que apresenta os conceitos básicos da conservação, determinando os principais fatores ambientais que podem afetar os objetos, e em seguida alguns tipos de materiais que são tratados em ambientes museológicos (Teixeira; Ghizoni, 2012). Ele trata dos fatores ambientais que impactam um objeto, como a temperatura e umidade relativa, iluminação, o armazenamento, o transporte e embalagem, sua segurança em museus, a limpeza do espaço e os próprios tratamentos da conservação (Teixeira; Ghizoni, 2012).

Na conservação preventiva, uma necessidade da profissão é ter uma base sólida dos tipos de materiais que são encontrados nos acervos dos museus ou que passarão pelo laboratório de conservação, podendo separar entre materiais orgânicos e inorgânicos. E a partir disso, podemos compreender melhor como cada fator ambiental irá afetar o objeto, e o conservador terá de considerar os riscos das mudanças ou não (Souza; Froner, 2008).

Os materiais inorgânicos principais que passam pela conservação são de metais, peças líticas, cerâmicas e vidros; os materiais orgânicos são geralmente materiais vegetais, como a madeira, fibras, têxteis, telas e papéis, também são comuns pergaminhos, couros e peles. Entre outros materiais orgânicos podemos citar os âmbar, ceras, resinas, marfim, dentes, chifres, cascos e ossos (Souza; Froner,

2008). Cada tipo de material precisa ser analisado minuciosamente para compreender a estrutura química do material, se deve receber alguma intervenção direta ou indireta, quais razões está recebendo (ou não) essas intervenções, qual método ou técnica conservativa será aplicado e em qual área da peça, até a escrita de relatórios de cada ação tomada para a conservação.

As características “congenitas”, que são as reações naturais do material, devem ser estudadas de acordo com suas interações com o ambiente externo (Souza; Froner, 2008). São analisados os fatores que podem degradar ou modificar a cultura material:

- Os fatores físicos – como a luz e mecânica;
- Os fatores ambientais – observando a temperatura e umidade;
- Os fatores químicos – contaminante e constituição material dos objetos;
- Os fatores biológicos – como a infestação, avaliando o ambiente em todos os escopos.

Souza; Froner (2008) ressaltam o fato de que a conservação não significa apenas evitar a intervenção direta. Ela será, de forma ou de outra, implicado na mudança permanente das características originais do objeto.

O processo de conservação envolve vários passos, iniciando com um estudo histórico da peça, geralmente, no mínimo, tentando descobrir a época, a proveniência geográfica e o contexto do objeto, e qual(ais) material(ais) está presente no objeto, ou seja, a constituição do objeto (ex.: madeira e tinta, ou uma louça de pasta de cerâmica queimada em fogo alto com alguma decoração de tinta e esmaltação), elementos que conseguem ser descobertos em análise laboratorial (Citaliarestaura, 2025).

Para o equilíbrio e consolidação estrutural do objeto, é importante determinar os certos fatores que contribuem à degradação, onde podemos separar, declarando se houver algo degradando intrinsecamente ou extrinsecamente (Citaliarestaura, 2025).

Um fator de degradação intrínseco é relacionado a composição material e técnicas de execução da peça, sendo algo da propriedade do próprio objeto, ou alguma incompatibilidade material e/ou envelhecimento (Citaliarestaura, 2025). Ao outro lado, vemos os fatores extrínsecos, que se relacionam às condições de exposição ou acondicionamento (agentes físicos e químicos como a luz, temperatura,

umidade, poluição, ação humana e acidentes) ou agentes biológicos (como os fungos, insetos e xilófagos¹) (Citaliarestaura, 2025).

3.3. Arqueologia Urbana

A incorporação teórica da arqueologia urbana é devida ao contexto do sítio arqueológico da Diocese de Goiás, na Cidade de Goiás. Porém, neste referencial teórico, não é suficiente abordar apenas a área ou as hierarquizações de uma cidade ou local. Uma abordagem mais eficiente seria perceber a área arqueológica individual, e os padrões ou hierarquizações, como dependente das mudanças da cidade em um todo (Cressey; Stephens, 1982).

Seguindo a Segunda Guerra Mundial, os americanos e europeus perceberam a necessidade de estudar sítios arqueológicos que se situavam em contextos urbanos, pois encaravam a realidade pós-guerra onde muitos sítios urbanos importantes foram destruídos e queriam preservar de alguma forma (Tocchetto; Thiesen, 2007).

Aqui podemos dividir a arqueologia urbana em dois: arqueologia *na* cidade e arqueologia *da* cidade. Distinguindo os dois vemos: *na* cidade, é visto a área urbana como vários complexos de estudo incluindo pré-histórico e pré-colonial; e *da* cidade, observando a área urbana inteira como fonte de estudo arqueológico (Tocchetto; Thiesen, 2007).

Com isso, foram consideradas algumas contribuições para a aplicação da arqueologia urbana no Brasil. Na década de 1970, uma das maiores preocupações foi com a determinação das várias identidades culturais que foram construindo a área urbana. Procuravam os diferentes estilos de vida que sempre estavam em mudança, misturando-se os antigos com os mais novos. Cada vez que um prédio ou edificação reestruturava, seu significado também modificava e se atualizava. Com isso, para definir uma identidade de tal área, devemos recorrer ao cotidiano (Vogel; Melo, 1984).

Dois passos analíticos podem ser tomados para melhor entender os padrões e processos da cultura urbana. Primeiro, deve-se aplicar os métodos e conceitos da arqueologia urbano ambiente; um esforço deve partir dos arqueólogos urbanos para definir os padrões e processos materiais da cultura urbana. Partindo desse passo, a mistura interdisciplinar da história e sociologia consegue fornecer aos arqueólogos

¹ Organismos que comem madeira (como cupins e certos fungos)

novos métodos e conceitos, mas também pelo mesmo contexto que consegue interpretar os padrões materiais da cultura urbana (Cressey; Stephens, 1982).

A partir do texto de Cressey; Stephens (1982) “The City-Site Approach to Urban Archaeology” podemos perceber como autores começam a explorar as relações entre as características materiais, a organização urbana e o nível de desenvolvimento sociopolítico em contextos pré-históricos (Millon, 1973; Morris, 1975; Shimada, 1978, apud Cressey; Stephens, 1982) e modernos (Rathje; McCarthy, 1977, Rathje, 1978; Schiffer; Downing; McCarthy, 1981 apud Cressey; Stephens, 1982), com isso, relacionando o contexto do sítio da Diocese e a Cidade de Goiás com os princípios da arqueologia urbana.

3.4. Restauração

Para atingir objetivos específicos deste trabalho, também foi identificado a literatura para a revisão teórica de restauração de objetos museológicos.

Entendendo quando e como a restauração é aplicada, foi visualizado que ela é, de certa forma, separada da conservação, pois é uma atuação especializada, onde certo profissional vai intervir no objeto para reparar os danos anteriores, e também, tentar reestabelecer a integridade estética e estrutural (Teixeira; Ghizoni, 2012). A conservação é apenas manutenção da “saúde” das peças, evitando apenas a degradação estrutural.

É importante lembrar que os procedimentos de conservação devem ter prioridade sob os de restauração, que devem ser realizadas apenas quando necessárias (Teixeira; Ghizoni, 2012).

Na restauração, antes de iniciar as intervenções, o profissional deve realizar uma análise aprofundada em todas as áreas de conhecimento pertinentes, como a física, química, biologia e história, tudo que contribuirá à conclusão do estado de conservação, avaliando sua condição física, o grau de deterioração e a possibilidade de intervenção restauradora. O trabalho restaurador começa a partir das análises feitas, fazendo propostas de tratamento, detalhando os procedimentos e materiais usados, objetivando renovar a obra de arte, devolvendo à obra sua integridade física, estética e histórica (Teixeira; Ghizoni, 2012).

Geralmente, os processos da restauração iniciam com a limpeza geral, em algum momento, com a limpeza detalhada e intensiva, se houver alguma parte

quebrada, precisa ser remendada com a peça faltante original ou com uma peça fabricada para o objetivo de preencher a lacuna (Dionisio, 2017).

A restauração arqueológica em sítio é um processo muito diferente daqueles realizados em estúdios ou laboratórios, pois ela depende muito em agilidade, organização e flexibilidade e não será abordada neste trabalho.

4. Metodologia

O presente TCC possui o objetivo de análise com a intenção de verificar questões problemáticas com a conservação e considerar métodos no sentido de que este trabalho está relacionado com a qualidade dos dados e não necessariamente a quantificação dos dados associados a conservação e degradação do material.

Dessa maneira, conforme já mencionado na introdução, o foco é de acordo com a qualidade da análise do material e não necessariamente uma quantidade maior de dados brutos.

Para a metodologia do presente trabalho, foi incorporado várias ferramentas para atingir os objetivos desenvolvidos para a pesquisa. De início, foi feito um vasto levantamento bibliográfico, usando livros e artigos, (em diversos formatos, como no físico e digital) analisando textos sobre a contextualização histórica goiana, especificamente sobre a Cidade de Goiás e a Diocese. Outros textos conferidos foram sobre a análise arqueológica específica aos materiais de vidro e de louça, compreendendo a necessidade de ter uma base sólida para entender como certos tratamentos conservativos poderão reagir com estes materiais arqueológicos específicos. Estas análises guiam pesquisadores a definir datações de materiais e sítios, além de complementar pesquisas com informações sobre o contexto, revelando informações sobre como as populações na área viviam.

Logo após o levantamento bibliográfico, este momento foi dedicado à análise do material proveniente da escavação da Diocese da Cidade de Goiás. Os materiais escolhidos foram os vidros e louças encontradas nas áreas de escavação M01 e M02, determinados a partir da escolha da orientação acadêmica. A análise foi realizada a partir do uso de um guia de análise e ficha de análise desenvolvidos no ambiente acadêmico e modificado para caber às necessidades do presente trabalho, incluindo a adição de elementos sobre a conservação e anotações sobre inscrições relevantes que podem levar a indicar alguma datação de certas peças. Além do uso do

conhecimento acumulado de todas as aulas assistidas durante os anos do curso, também foi adicionando o auxílio de alguns livros sobre a análise de louça e de vidro.

Finalizando esta etapa do trabalho, com o auxílio dos conhecimentos obtidos pelo levantamento literário, principalmente o apoio dos textos sobre como certos procedimentos conservadores são realizados, uma análise aprofundada sobre o estado degradado de cada peça escolhida, e gerar um plano com antecedência, visando um produto final esteticamente e estruturalmente coesivo para a visualização pública e estudo apropriado (Basilissi et al., 2019). Os relatos apontam a algumas patologias que interferiu/ está interferindo com o objeto e levando ao progresso da degradação.

O objetivo do diagnóstico é inferir sobre as condições ambientais que esteve em contato durante seu tempo pós-deposicional, como mudanças intensas e bruscas de temperatura e umidade, presença de agentes biológicos (como infestações de fungos ou insetos), presença de corrosão, presença de acidez, entre outros (Frazzi, 2002).

O trabalho desenvolvido foi determinado como uma pesquisa de laboratório, em que a maioria dos dados recolhidos foram coletados através da análise em laboratório ou no gabinete bibliográfico, incluindo encontros semanais com orientadora Ma. Cristiane Loriza Dantas e várias outras fontes de aprendizagem e informações, como palestras, oficinas sobre conservação, cursos disponíveis online, apoio acadêmico de professores da área, disciplinas oferecidas pelo curso de Arqueologia na Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), entre outros.

Esta pesquisa engloba um processo completo, demonstrando como podemos preservar a cultura material da cronologia histórica, o que inclui a curadoria das peças, a análise arqueológica e de patologias de degradação, proposta(s) de protocolo(s) de conservação para as peças escolhidas e eventual exposição. Com isso, incentivamos a valorização dessa abordagem, que é tão esquecido em trabalhos arqueológicos, principalmente em contextos de licenciamento ambiental.

4.1. Análise dos materiais históricos (vidro e louça)

Antes do início do planejamento dos protocolos de conservação do material, uma análise de perspectiva arqueológica deve ser produzida. A compreensão de como os objetos foram produzidos e utilizados é essencial para estruturar um plano

concreto de conservação preventiva, ou, se necessário, a aplicação de alguma substância para estabilizar ou limpar.

A decisão de analisar apenas o material vítreo e de louça veio em função do tempo limitado dedicado à análise dos materiais. Para a análise iniciar, uma breve observação dos materiais em cada embalagem plástica foi feita para compreender a condição e o nível de degradação dos fragmentos. Com a anotação das condições de cada embalagem plástico de material aberto, a curadoria iniciou, o que incluiu a numeração e remontagem de algumas peças.

Para a análise completa e aprofundada de cada tipo de material, cada material tem seu próprio guia e ficha de análise, utilizando categorias relevantes para este trabalho. Alguns textos foram usados como apoio para a fase de análise, como o “The Parks Canada Glass Glossary” (Jones; Sullivan, 1981) e “Cacos e mais Cacos: o que fazer com eles. Guia arqueológico de Classificação e análise” (Camargo; Zanettini, 2017), apresentando como características básicas de objetos de vidro comuns, as variadas cores utilizadas na sua produção, formatos de garrafas comuns, técnicas de manufatura e as datações gerais do período em que foram utilizados. Da mesma forma, observa-se certas características que podem facilitar a identificação de uma peça de louça, referenciando o trabalho de Tocchetto et al., (2001), como certos padrões de decoração, tipos de cenas, tipos de pastas, esmaltes, e vários outros.

Os materiais utilizados para a presente pesquisa foi majoritariamente ferramentas e materiais de laboratório, como uma lupa, o material de escrita (lápis, borracha, canetas e marcadores), as fichas e guias, cola e fita adesiva (para remontagens) e luminárias de mesa, também como um notebook e a internet para pesquisa.

5. Resultados

5.1. Condições do material (vidro e louça)

À primeira vista, percebemos que o material das sapatas M01 e M02 (áreas escavadas) estão bastante fragmentados, deteriorados e sem muitas indicações de marcas, principalmente os fragmentos de vidro.

Logo após a escavação dos materiais, o material foi guardado em sacos plásticos e alguns envolvidos em plástico bolha, em condições desreguladas, em relação à temperatura, umidade e luminosidade.

Durante a primeira análise, foi percebido que, antes, houve algumas tentativas de reconstituição de algumas peças de louça, porém a maioria (se não todas) das tentativas com cola branca e fita crepe, além de não serem bem-sucedidos no seu objetivo, os resquícios da cola branca e do adesivo da fita crepe mancharam o esmalte e acelerou a deterioração das peças.

Figura 7 - Resquícios de adesivo de fita crepe em louça.



Fonte: Silva, 2025.

Em vista do propósito do objetivo geral deste trabalho, apesar de necessitar da presença de um conservador-restaurador acompanhando as atividades arqueológicas, não houve tempo, nem orçamento para manter um conservador durante a escavação, apenas em função do monitoramento das peças arqueológicas.

Em relação ao vidro, geralmente feitos de sílica e carbonato de sódio (Britannica, 1998), vemos que a maioria do vidro analisado (90% dos fragmentos) apresenta uma camada de irisação, um processo natural da deterioração de vidro, abrangendo camadas finas até camadas extremamente grossas, ao ponto de descamar com facilidade, através do manuseio.

Figura 8 -Gargalo com irisação.



Fonte: Silva, 2025.

A irisação de vidro é a consequência natural do contato de umidade com a sílica. Se um vidro é feito com pouca sílica, ele será bastante instável em contato com umidade (Cronyn; Robinson, 1990).

Também observa-se a superfície do vidro que passa por um processo de deterioração, o vidro pode ficar opaco, resultando o destaque do vidro em camadas. Com a introdução de umidade, essas camadas tendem a expandir e encolher, que leva a exfoliação (Cronyn; Robinson, 1990).

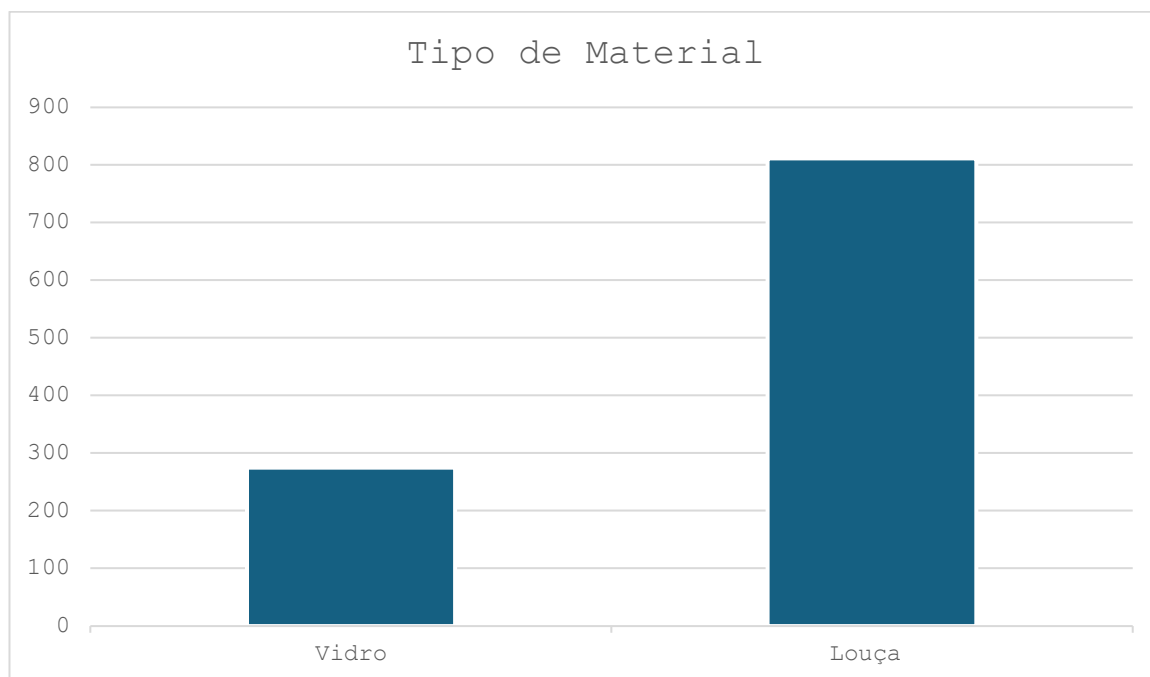
Dos vidros analisados das sapatas M01 e M02, pela natureza dos vidros e o ambiente da deposição, a maioria dos vidros estão fragmentados, com poucas marcas de produção para ser identificados. A acidez dos solos goianos, além de enfraquecer e desestabilizar as peças, também leva a irisação, em que depende da umidade para “descolar” as camadas do vidro.

As louças analisadas, também fragmentados, porém com mais marcas de produção, possível de identificar e datar, foram a maioria na coleção estudada. Em geral foram vistas mais peças de louça “inteiras”, considerando que tinha objetos claros e distintos na coleção, como xícaras, pratos, copos, potes, incluindo um pinico, que foi reconstituído, quase por completo.

5.2. Resultados da análise arqueológica

De 24 sacolas de material encontrado na escavação do resgate das sapatas M01 e M02, as peças contabilizadas foram os fragmentos de vidro, 275 peças, e a louça, 812 peças, totalizando 1087 peças. Entre os vidros analisados, foi identificado a proeminência entre os vidros analisados, a categoria de “paredes”, que se destacaram pela sua quantidade.

Gráfico 1 – Material.



Elaboração: Silva, 2025.

Também destacam alguns fragmentos de bases, o que já proporciona mais informação sobre o sítio, incluindo os poucos gargalos que apareceram durante o momento da observação do material.

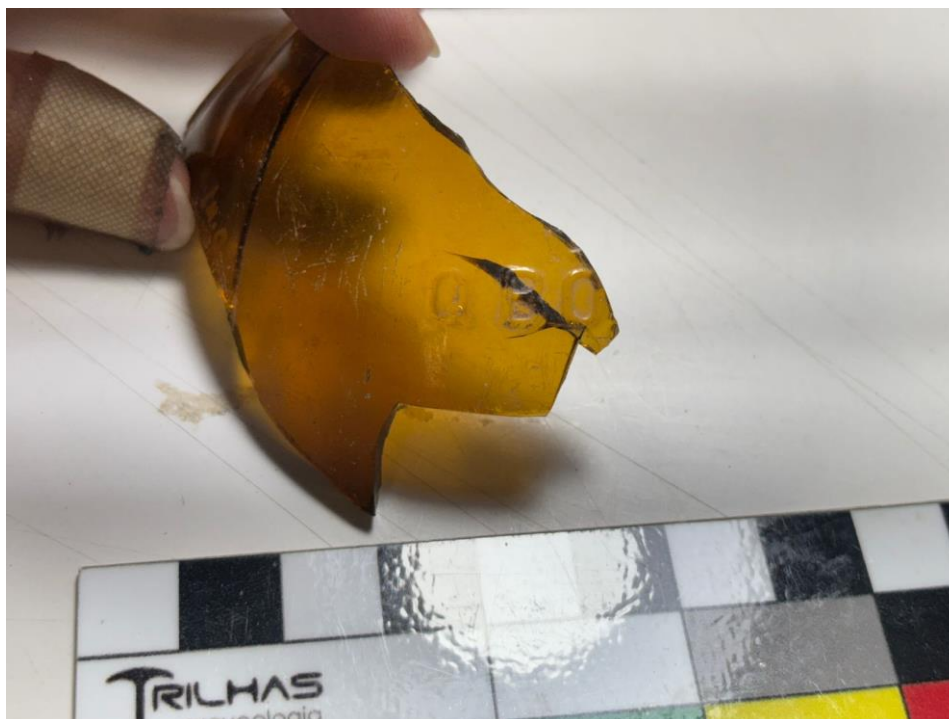
Entre o vidro e a louça, as categorias que conseguem transmitir alguma informação da época que foi fabricada é a categoria de “marca de fabricação”. Apesar das poucas marcas, entre as louças localizou-se marcas como “IRFM São Caetano”, ou seja, o grande império do Matarazzo, o renomeado Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo em 1911. Essa peça em específico referencia a unidade São Caetano em São Paulo, possivelmente a Vila Matarazzo (Revista Videre, 2008).

5.2.1. Vidro

Sobre os vidros analisados, onde a datação média obtida foi 1817, pode-se dizer que houve uma clara maioria de garrafas produzidas através de moldes, principalmente os de dois e três partes, mas também visualiza-se garrafas de remédio

e garrafas de produto de limpeza, como a garrafa do QBÔA (figura 9), com sua produção se concentrando na década de 50 e 60.

Figura 9 - Vidro QBÔA.



Elaborado: Silva, 2025.

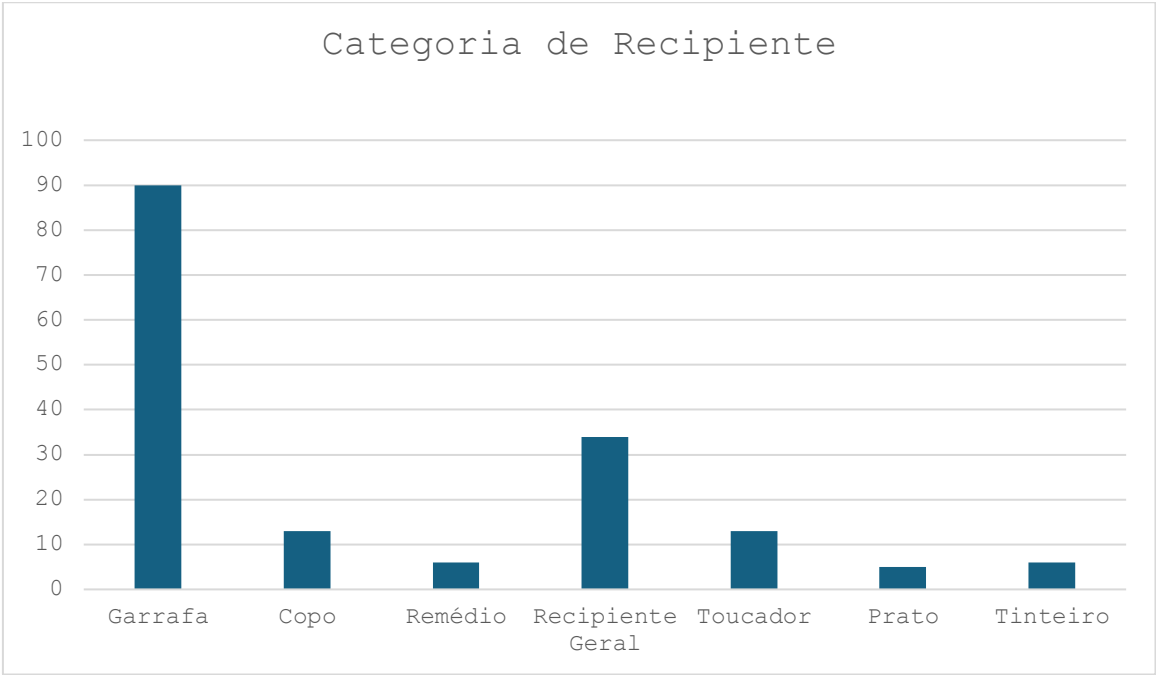
Também podemos destacar o grande uso de impressão de escrita no vidro, geralmente visto no fundo da base, no exterior, usando esta localização para implantar símbolos ou números e letras para distinguir lotes de produção, ou até nomes ou símbolos de marcas, como “Cisper”, a antiga Companhia Industrial São Paulo e Rio, antigamente controlado pela Owens-Illinois (figura 10) (Vidrado, 2025).

Figura 10 - Base de vidro Cisper.



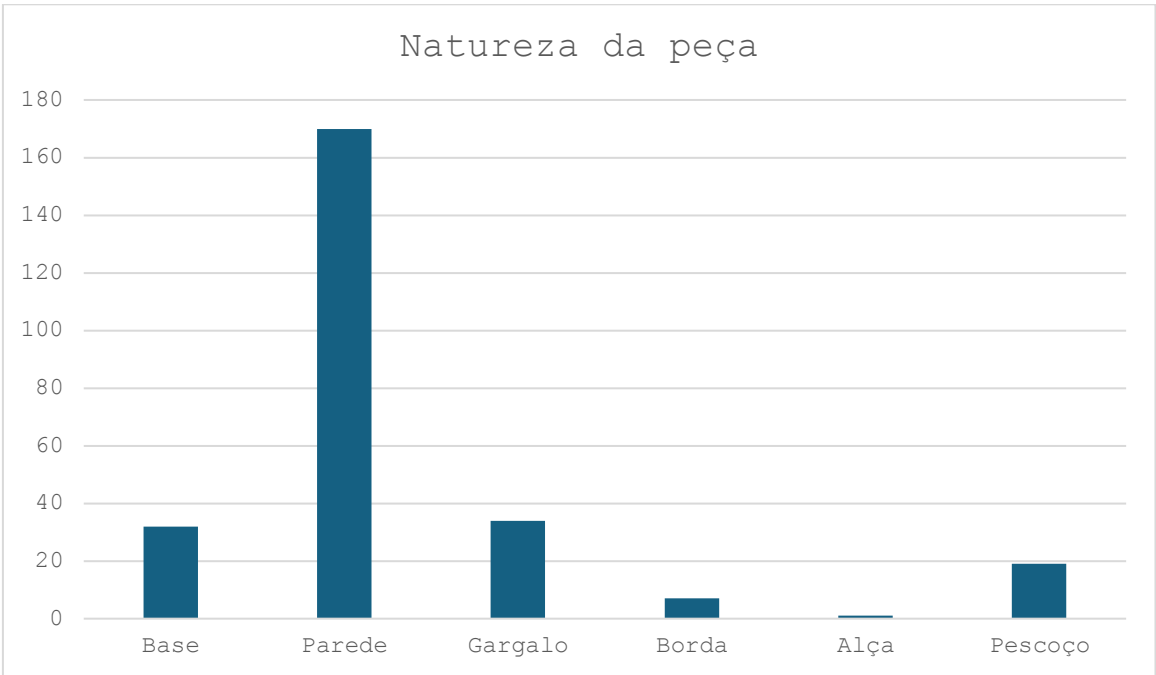
Elaborado: Silva, 2025.

Gráfico 2 - Recipientes.



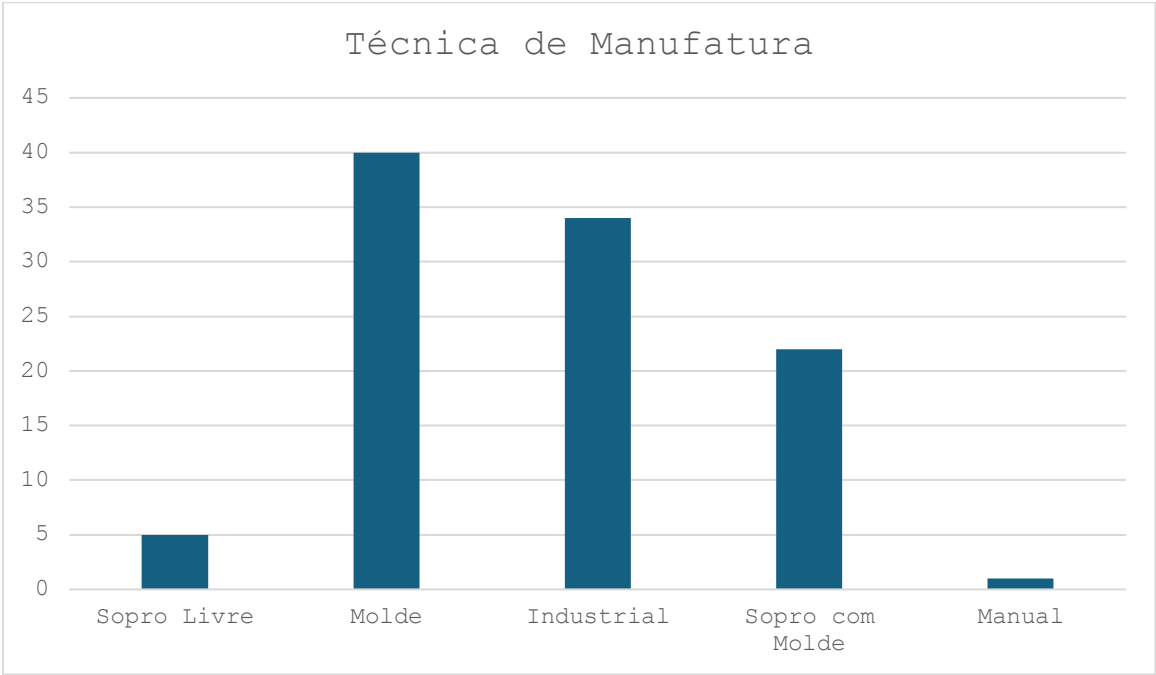
Elaborado: Silva, 2025.

Gráfico 3 - Peça do vidro.



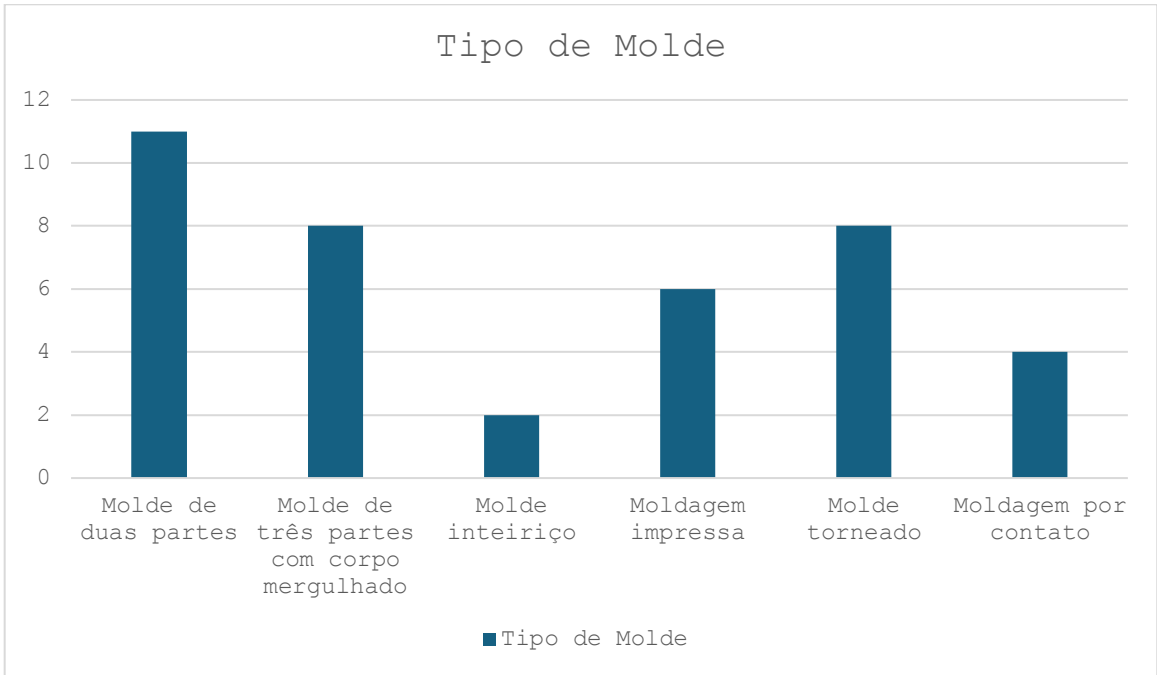
Elaborado: Silva, 2025.

Gráfico 4 – Manufatura.



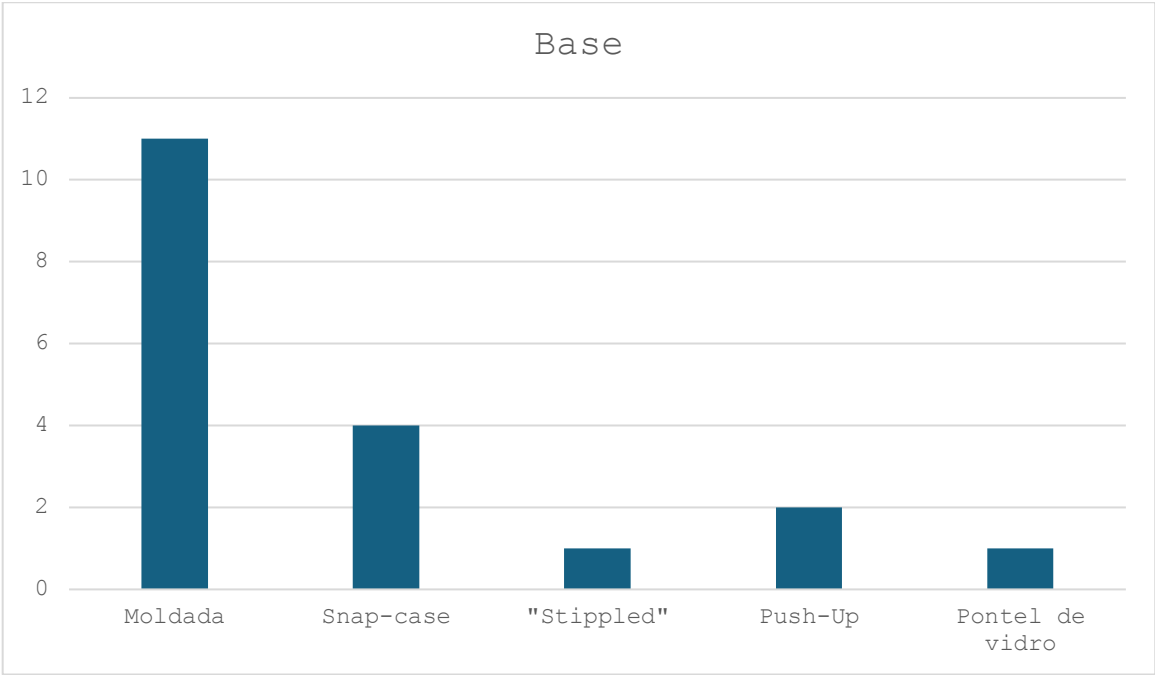
Elaborado: Silva, 2025.

Gráfico 5 - Molde.



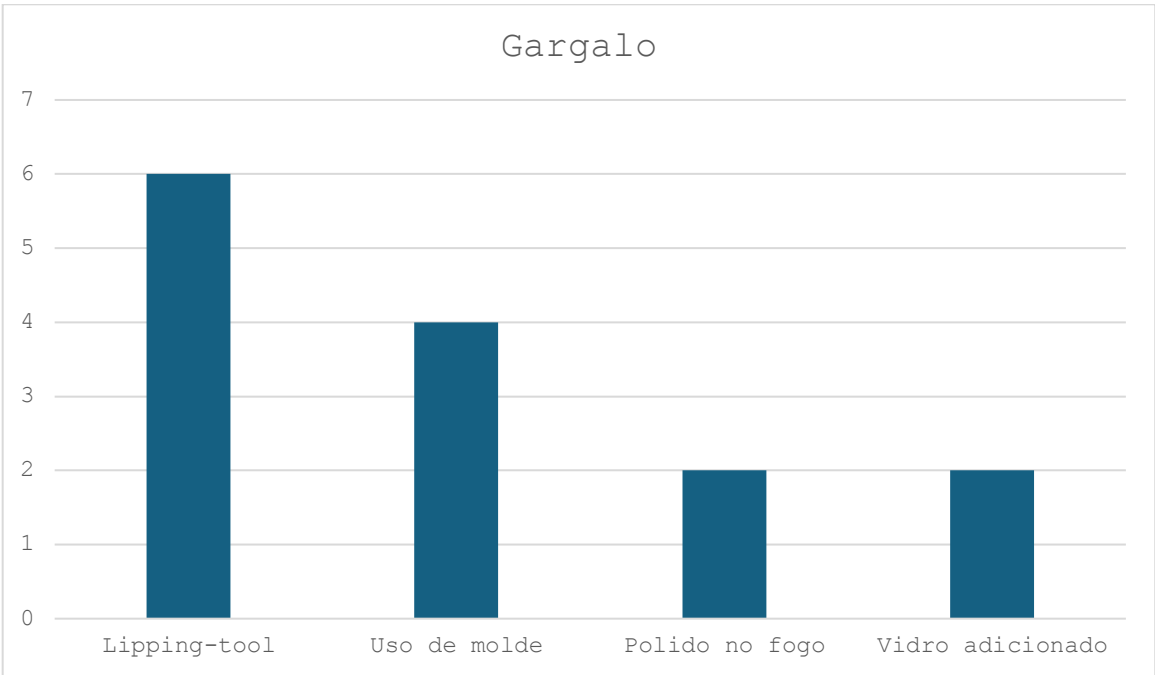
Elaborado: Silva, 2025.

Gráfico 6 - Formação de base.



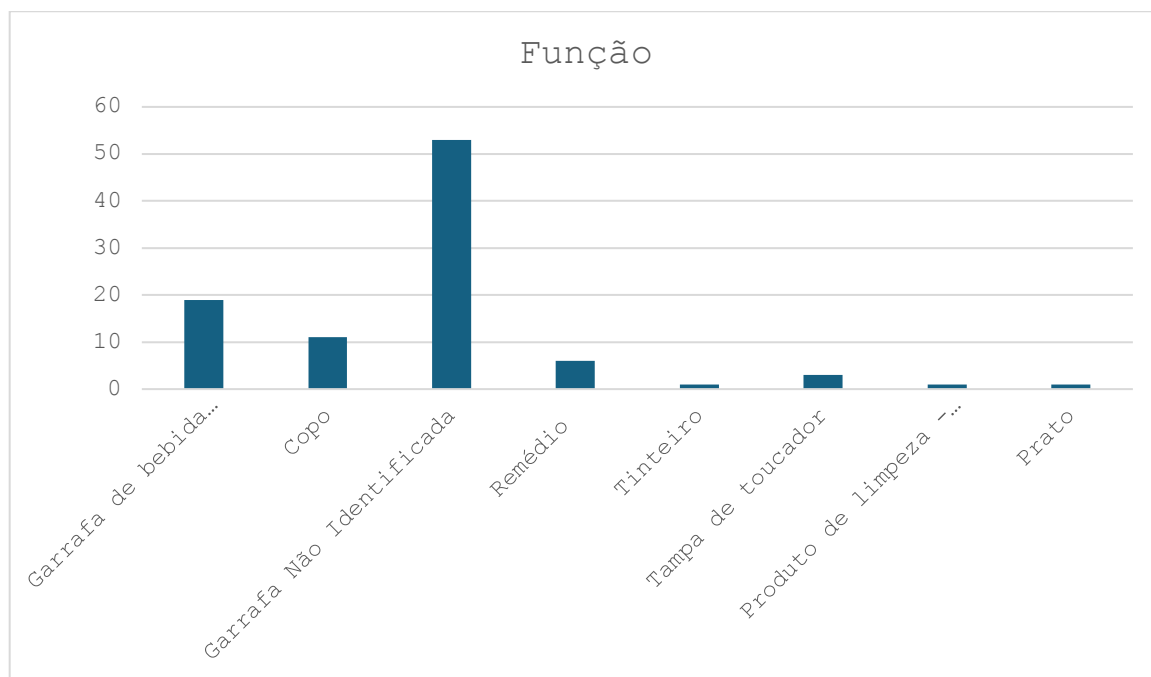
Elaboração: Silva, 2025.

Gráfico 7 - Formação de gargalo.



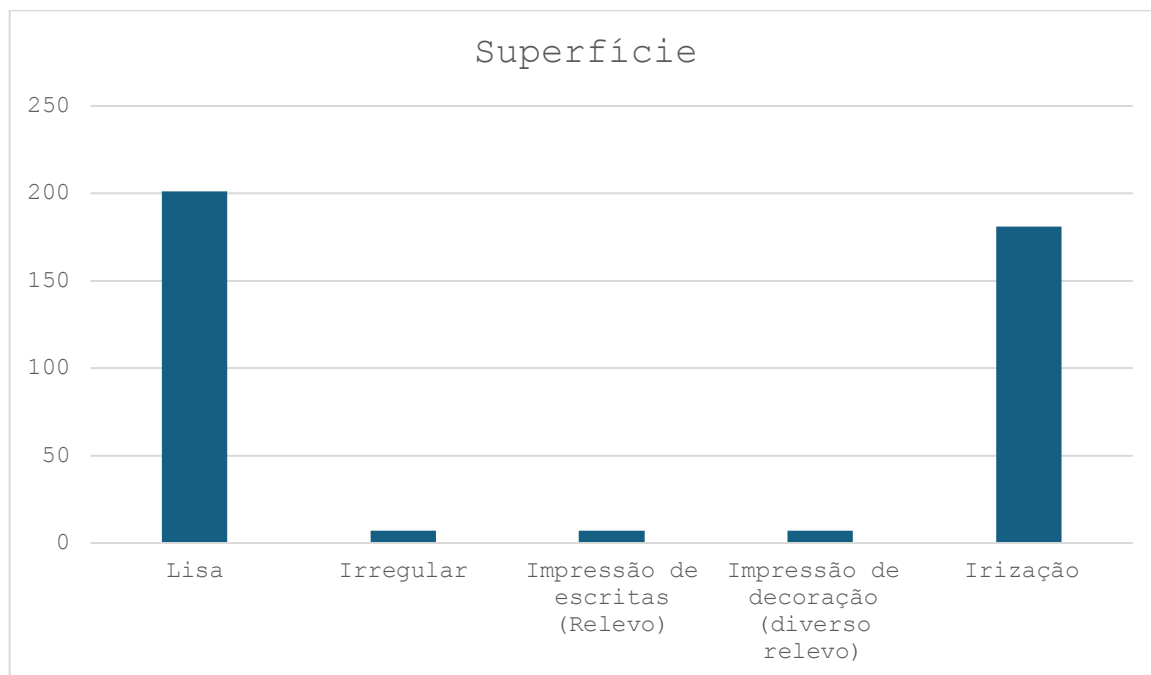
Elaborado: Silva, 2025.

Gráfico 8 - Função da peça.



Elaborado: Silva, 2025.

Gráfico 9 - Superfície da peça.



Elaborado: Silva, 2025.

5.2.2. Louça

Sobre a louça analisada, que foi obtida a datação média de 1817, é entendido que a maioria das peças são reconhecidos como faiança fina, de esmalte creamware. O creamware é um esmalte criada pelo Josiah Wedgwood, conhecido pelo fato dele

ser um esmalte mais barato, ele sinaliza uma datação mais velha, com sua introdução ao Brasil no século XVIII e XIX (Maryland Archaeological Conservation Lab, 2025).

Também há presença notável de pearlware, um esmalte azulado que também indica uma datação mais recuada, principalmente o século XIX e, de forma reduzida, whiteware (Maryland Archaeological Conservation Lab, 2025).

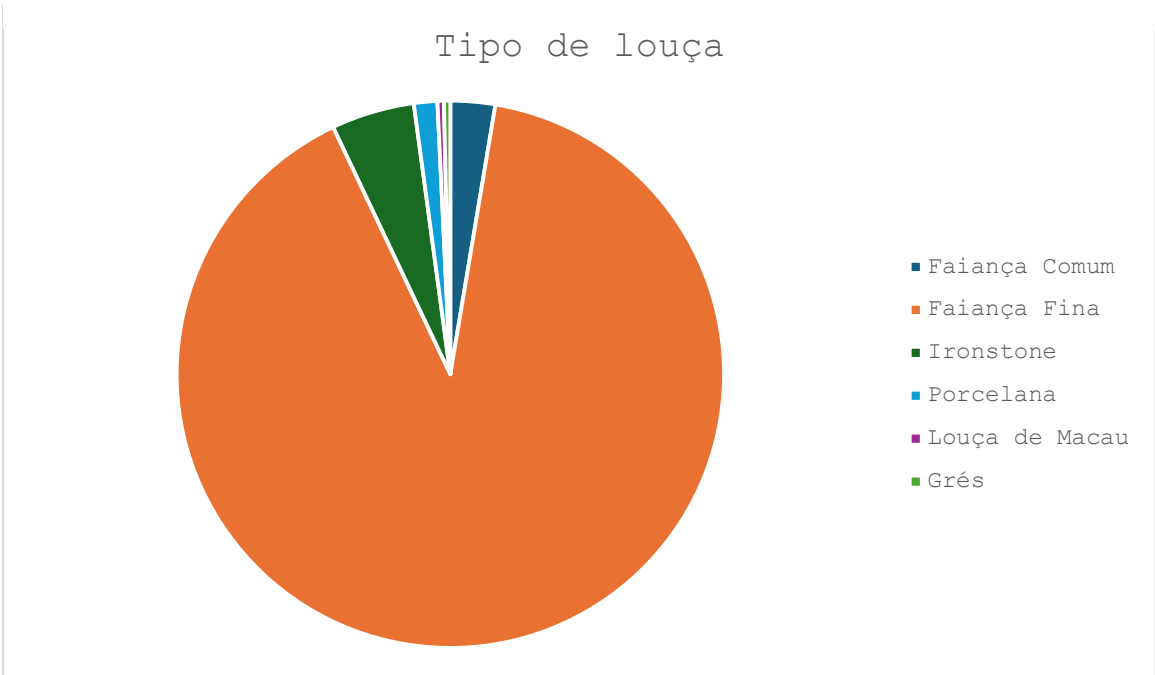
As louças também tinham indícios de marcas, como o Copeland (Figura 11) e Societé Céramique Maestricht, geralmente adicionados através de carimbo ou transferprint.

Figura 11 - Louça Copeland.



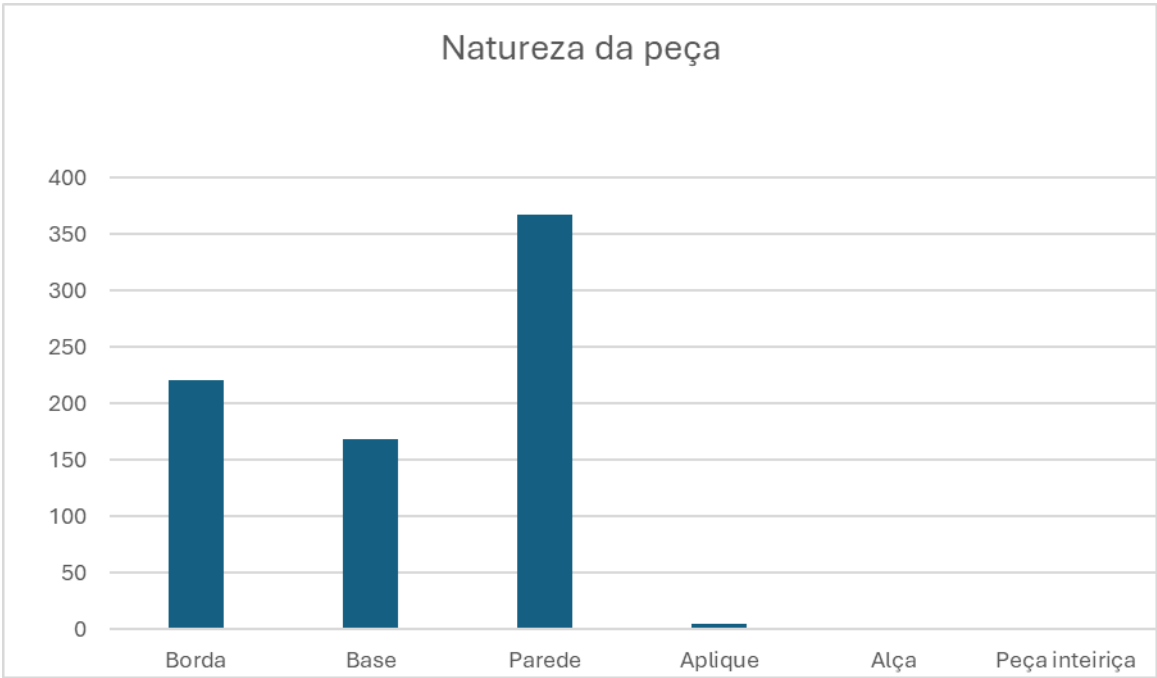
Elaborado: Silva, 2025.

Gráfico 10 -Tipos de louça.



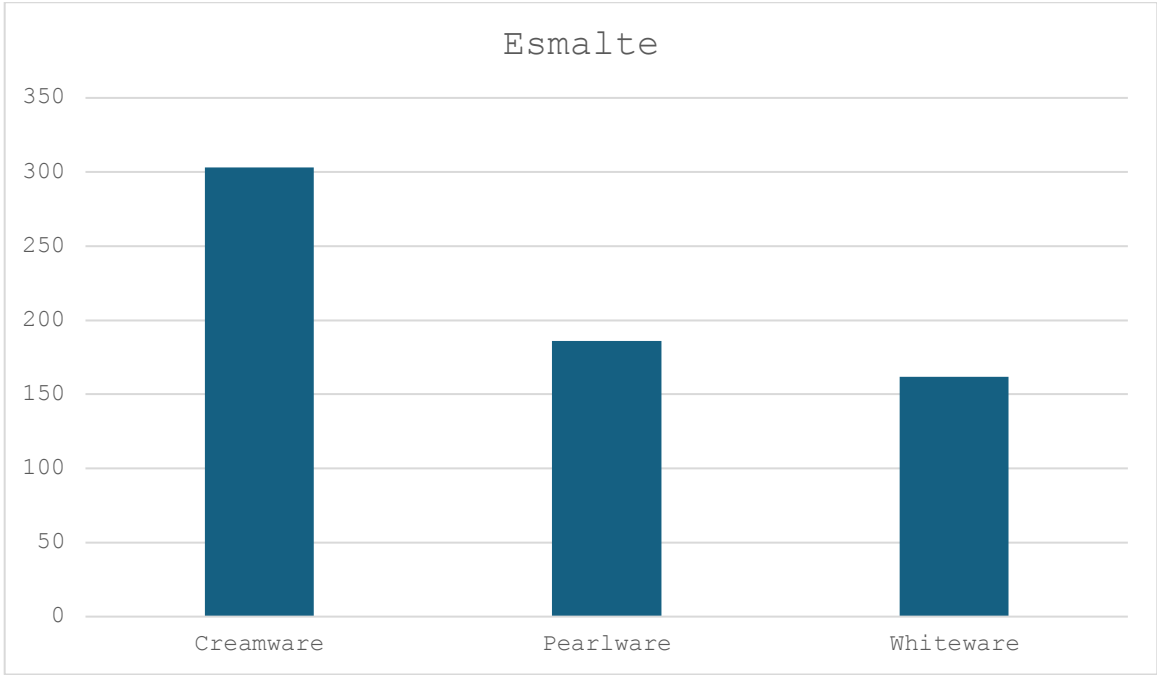
Elaboração: Silva, 2025.

Gráfico 11 - Peça de louça.



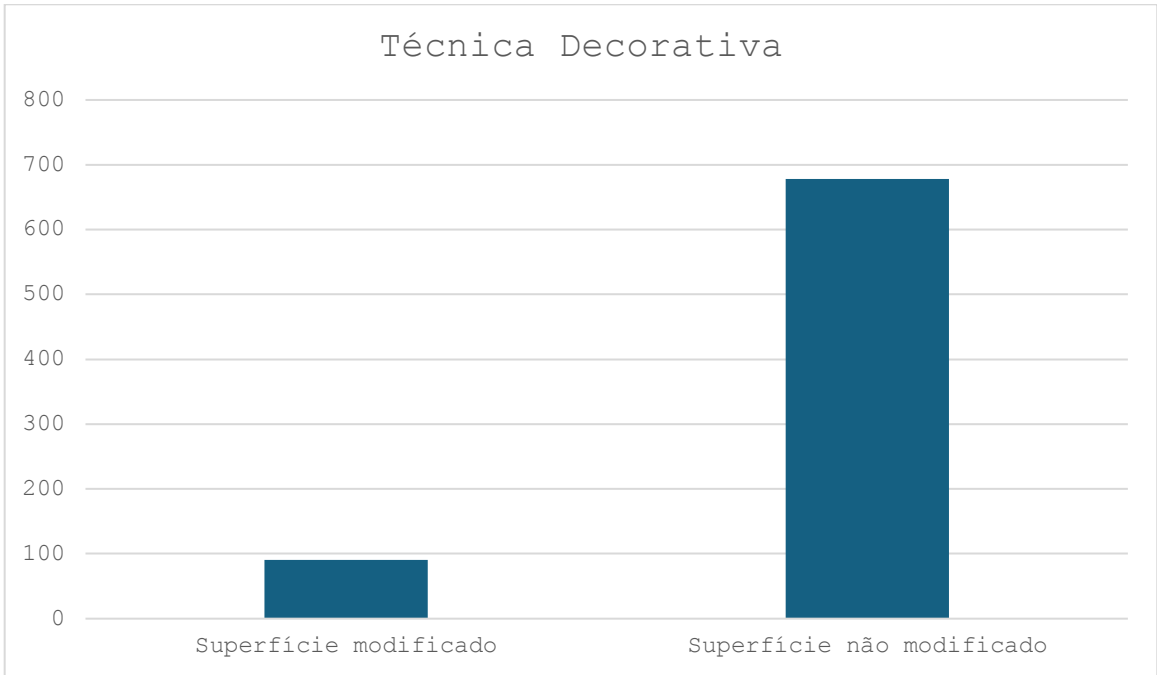
Elaboração Silva, 2025.

Gráfico 12 - Esmalte louça.



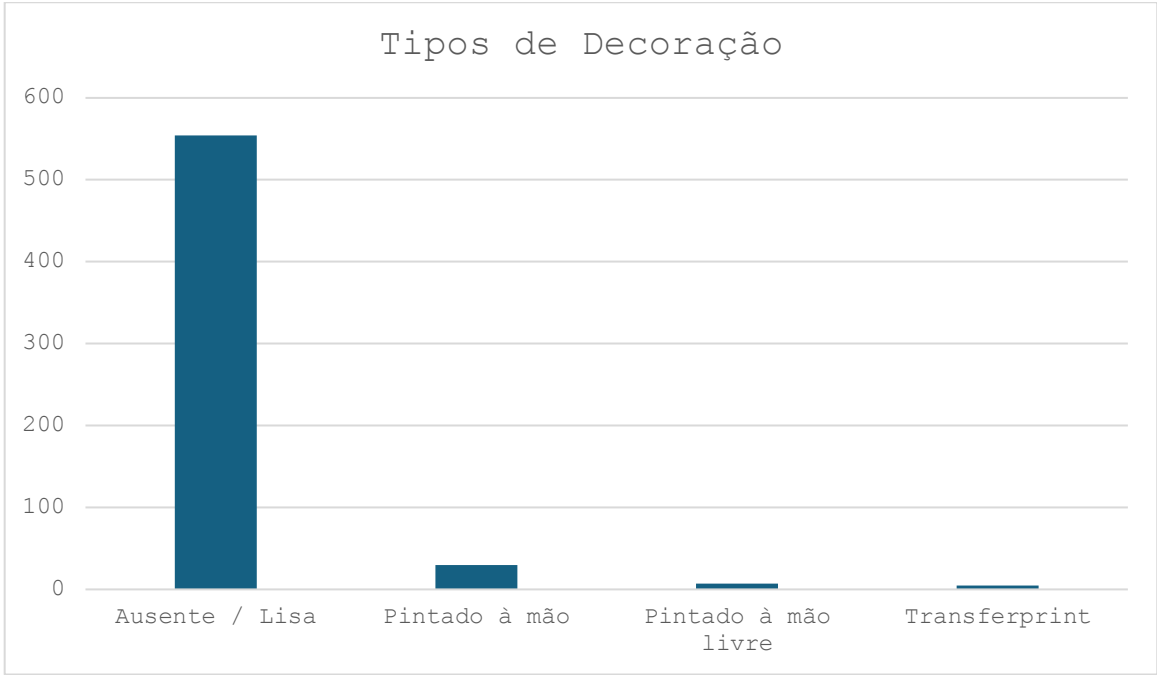
Elaboração: Silva, 2025.

Gráfico 13 - Superfície louça.



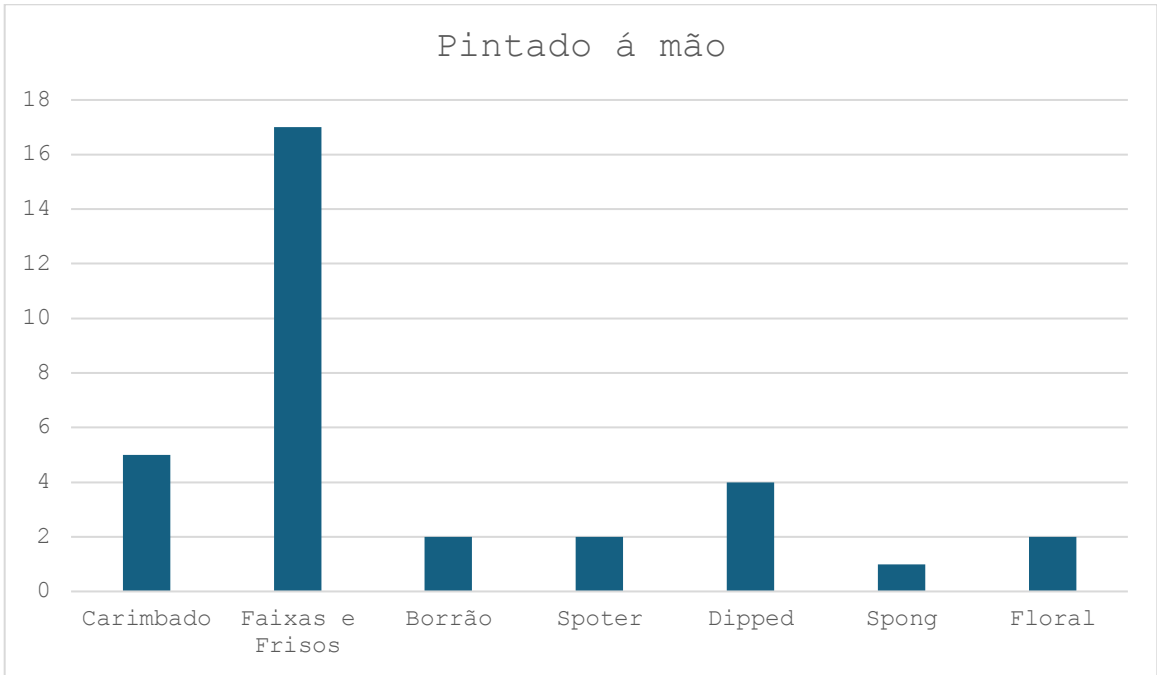
Elaboração: Silva, 2025.

Gráfico 14 - Decoração.



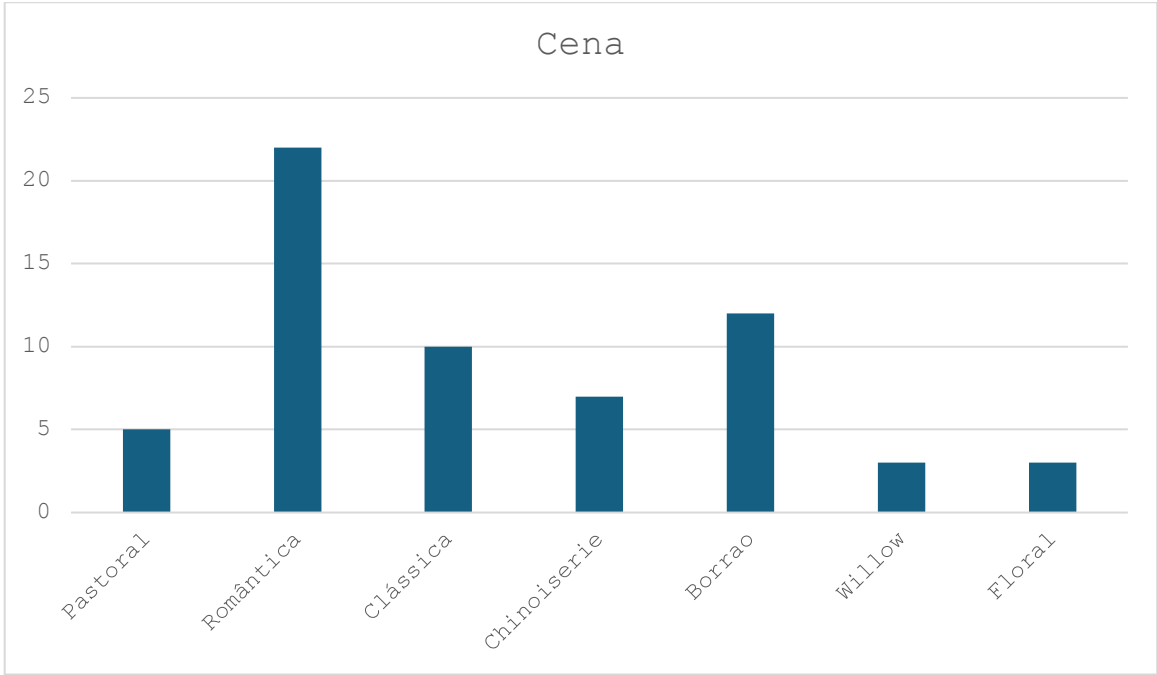
Elaborado: Silva, 2025.

Gráfico 15 - Decoração pintado.

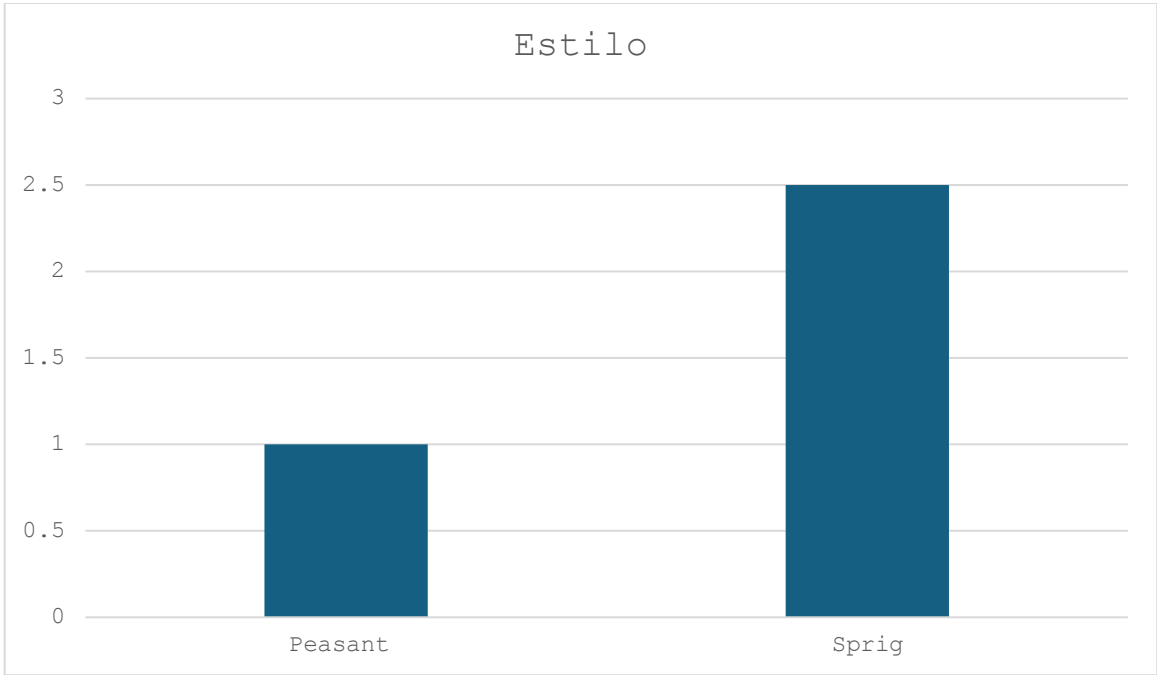


Elaborado: Silva, 2025.

Gráfico 16 - Transferprint – Cena.

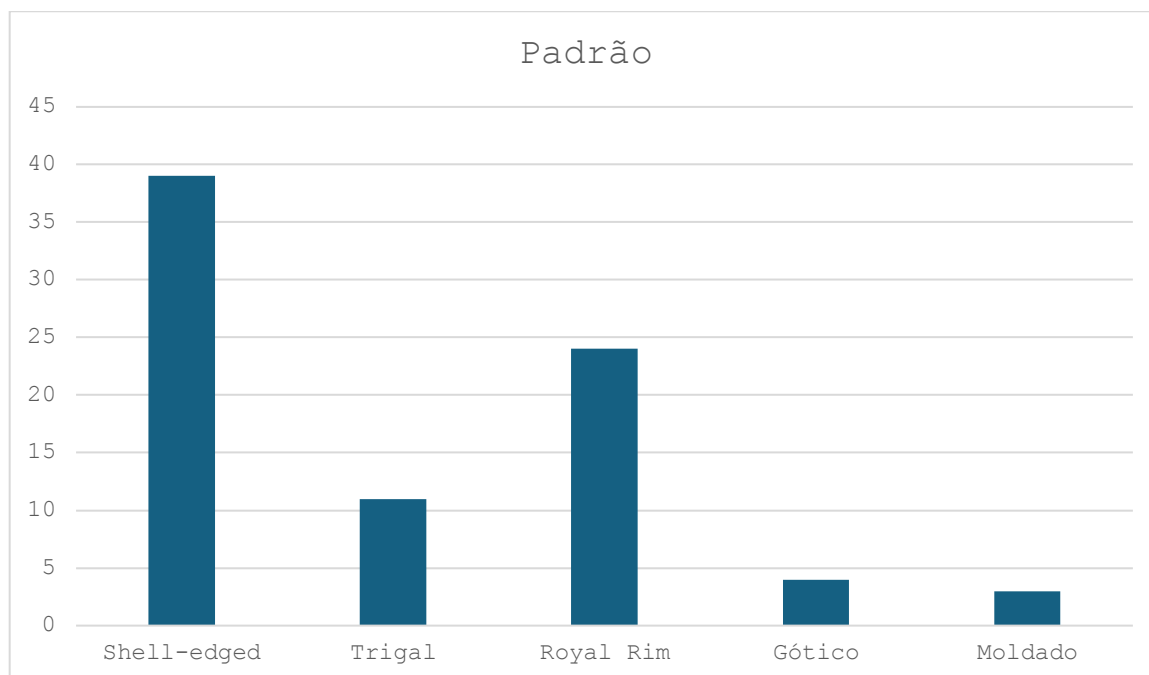


Elaborado: Silva, 2025.



Elaborado: Silva, 2025.

Gráfico 17 - Padrão decorativo.



Elaborado: Silva, 2025.

De maneira geral, sugere-se a inferência de que, a partir dos resultados obtidos da análise arqueológica dos materiais de vidro e louça, os eclesiásticos na Cidade de Goiás estavam vivendo em condições mais simples e humildes do que de outros estados. As observações feitas a partir da qualidade das louças e vidros são consideradas medianas, principalmente a faiança fina (uma tentativa de cópia de porcelanas chinesas), e a quantidade maior de esmaltes creamware e pearlware, tentativas de assemelhar à Europa e o oriente. Enquanto, de forma geral, os vidros eram de marcas nacionais ou feitas artesanalmente.

5.3. A conservação

Tendo em mente o processo inicial da escavação, as condições do armazenamento prévio, o cronograma e condições financeiras limitadas, o protocolo de conservação foi aplicado em contexto teórico e como futuro projeto, a ser continuado como plano de projeto de mestrado.

Considerando o contexto de escavação (e a exposição do material às condições do ambiente, incluindo a chuva durante a escavação), as mudanças bruscas de umidade, luminosidade, acidez do solo, e logo após, a forma de armazenamento foi percebido que, da perspectiva de conservação arqueológica, a

coleção analisada não foi bem-conservada e devia passar por etapas de conservação passiva e ativa.

Esta coleção se beneficiaria executando a etapa de higienização, algo que foi realizada durante a análise do material. Ao observar as peças, foi notado que, em algum momento no passado, houve tentativas de reconstituição de alguns fragmentos de louça com cola branca e fita crepe. A remoção da fita crepe revelou manchas amarelas, onde também revelou o adesivo restante da fita crepe no local que foi aplicado, na superfície da louça.

Antes de considerar qualquer substância química para a remoção da mancha e o adesivo, tentou-se uma remoção mecânica, considerando a baixa dureza, para a eliminação do adesivo. Pelo pouco progresso obtido, a consideração do uso de alguma substância líquida foi utilizada, inicialmente com água destilada, e depois, com seu fracasso, uma cocção de álcool etílico de 50% e água destilada foi aplicada na superfície, com uma haste flexível com ponta de algodão para o ato de limpeza, testando inicialmente em superfícies com decorações para evitar a remoção de decorações que não foram ao forno.

Figura 12 - Remoção do adesivo remanescente da fita crepe antiga.



Elaborado: Silva, 2025.

A mistura da água destilada e o álcool de 50% foi o suficiente para limpar as manchas amareladas da fita crepe aplicada há 10 anos, mas os resquícios do adesivo da fita demandaram mais tempo e esforço, e, ainda deixaram manchas.

Figura 13 - Resquícios de manchas de cola e adesivo



Elaborado: Silva, 2025.

Outra questão que chamou atenção durante a higienização foram os resquícios da cola branca usada para fazer a reconstrução. Infelizmente, as tentativas de reconstituição anteriores não foram bem-sucedidos, mas a cola utilizada ficou bem aderida às peças, necessitando a remoção.

Como a cola criou algumas saliências entre as juntas dos fragmentos, foi necessário ter a eliminação da cola seca também. Para isso, foi usado uma combinação de métodos de remoção para facilitar o processo, sendo isso, inclui a remoção mecânica e acetona para amolecer a cola (Government of Western Australia, 2017).

Após a etapa de higienização, algumas peças passaram por reconstruções, como um pinico (AD-M1-N8-01), sendo possível ter uma reconstrução de 80% do

recipiente (Figuras 14, 15 e 16), e também, parte de um prato (AD-M2-N5-01) (Figura 17 e 18), ambos classificados como louça.

Figura 14 - Pinico reconstruído.



Elaborado: Silva, 2025.

Figura 15 - Pinico reconstruído.



Elaborado: Silva, 2025.

Figura 16 - Pinico reconstruído.



Elaborado: Silva, 2025.

Figura 17 - Prato parcialmente reconstruído.



Elaborado: Silva, 2025.

Figura 18 - Prato parcialmente reconstruído.



Elaborado: Silva, 2025.

As reconstruções dessas peças foram realizadas com uma cola neutra (PVA livre de ácido e PH neutro) e fita crepe para apoiar as peças enquanto a cola secava naturalmente. Importante considerar que, após a cola secar por alguns dias, a fita crepe foi removida.

A etapa considerada mais importante em toda a conservação arqueológica é o passo inicial durante a escavação e o planejamento em torno do desenterro das peças arqueológicas, para manter as peças arqueológicas estáveis durante a escavação.

Com este passo já concluído, e realizado sem a presença de um arqueólogo-conservador para acompanhar o trabalho, não houve um relato sobre a estabilidade dos objetos encontrados. Por isto, este trabalho foca apenas na conservação arqueológica laboratorial e no planejamento de protocolo de conservação passivo.

Para concluir os objetivos do presente trabalho, foi considerado então as principais patologias percebidas no material para diagnosticar, e enfim, propor as próximas ações para tratar, sendo de forma ativa ou passiva, o que foi encontrado nas louças e vidros da coleção.

5.4. Degradações e protocolos

De acordo com Cronyn; Robinson (1990), a deterioração e preservação dos materiais dependem de duas coisas: a natureza do material e o ambiente no que está inserido. A deterioração se divide em duas também, sendo deterioração física (Figura 19), ou deterioração química.

Figura 19 - Vidro em processo de deterioração física (fosco).



Elaborado: Silva, 2025.

A maior parte das patologias encontradas no material vítreo foi a iridescência, um processo de deterioração onde o vidro perde seu componente alcalino, criando essa casca iridescente.

A composição de elementos dos vidros comerciais é geralmente identificada como vidros de soda, limo ou sílica. São feitos a partir de areia (ou seja, dióxido de silicone), calcário (carbonato de cálcio) e carbonato de sódio. Esses componentes fazem a forma do vidro, e então para a coloração dos vidros, deve ser adicionado óxidos metálicos, como o cobalto para produzir o azul, crômio para enriquecer o verde ou amarelo, manganês para um violeta, entre outros (Britannica, 1998).

Considerando os elementos do próprio material e o ambiente em que o material foi depositado, é possível inferir que muitas peças de vidro estavam em contato com alguma forma de umidade, possivelmente através do solo ácido ao redor do Rio Vermelho. A partir desta inferência, a ação conservativa teria de ser realizada através

da estabilização de ação ativa nos vidros que apresentem fragilidades, principalmente aqueles apresentando a iridescência na sua superfície (Cronyn; Robinson, 1990).

Uma solução mais apta para o vidro arqueológico irisado seria a reintrodução da transparência do vidro, na sua superfície (Cronyn; Robinson, 1990). Para atingir isto, deve usar algum consolidante na peça inteira para agir no processo da reintrodução da transparência (Cronyn; Robinson, 1990), principalmente se a irisação está bastante avançada, que pode criar uma camada grossa.

Figura 20 - Garrafas de vidro em processo de irisação



Elaborado: Silva, 2025.

Figura 21 - Base de vidro em processo de irisação.



Elaborado: Silva, 2025.

Após a consolidação da incrustação, poderá ser feito a remontagem de algumas peças, mas em futuros casos será aplicado colas termo endurecida, que permite ter a característica de cola que endurece com calor e não desmancha novamente (Cronyn; Robinson, 1990).

Em relação à louça, percebe-se uma maior variação de patologias, mas em poucas quantidades; e, apesar das louças estarem fragmentadas, a maioria se encontrava estáveis.

As principais patologias identificadas no material estudado foram incrustações de minerais/sais, descolorações, e a descamação da superfície, do esmalte e de tinta. A causa desses problemas podem se relacionar à acidez e umidade do solo, já discutido, influenciando a descamação dos esmaltes e pinturas, e a descoloração, que depende da presença de óxidos de ferro no solo.

As únicas intervenções diretas, em relação às ações conservativas, nas louças foram a remoção da fita crepe, principalmente o adesivo que permaneceu após a retirada da fita adesiva, o que já foi detalhado, e após as análises, as remontagens com a cola de ph neutro.

Em recomendação para futuras intervenções, de acordo com autores Teixeira; Ghizoni (2012) e Cronyn; Robinson (1990), os próximos passos podem envolver a conservação passiva, como, em exposição, o uso de vitrines fechadas e suportes construídos para cada peça, e, em caso de armazenamento, a embalagem deve proporcionar a maior estabilidade possível. O maior objetivo da conservação passiva, neste caso, será manter as peças limpas, secas e em ambiente de umidade, luminosidade e temperatura estável, evitando o desenvolvimento de fungos e infestações.

6. Considerações finais

Por fim, as peças encontradas do sítio da Diocese de Goiás se encontram em estado fragmentado e instável, e com tentativas de reconstituições malsucedidas, conclui-se que, para a conservação destes materiais, recomenda-se impor intervenções diretas e indiretas para proteger o patrimônio, incluindo a estabilização do ambiente, escolha de materiais para armazenamento, o uso de consolidantes relacionado ao vidro para a reintegração do vidro irisado, a remoção de qualquer resquício de cola, adesivo e fita adesiva usados anteriormente, e, a reconstrução de algumas peças.

Ao agregar as informações já conferidas na contextualização histórica da cidade e da Diocese e os conhecimentos obtidos das peças escavadas, sugere-se a inferência de convivências simples e medianas dos eclesiásticos na Diocese no século XIX e XX, em função dos resultados do estudo arqueológico. Através do entendimento da hierarquia de qualidade dos tipos de vidros e louças, sendo usado para o enfeite/decoração ou para sua utilização diária, os clericais podem ter tido vidas medianas.

A partir do presente trabalho da compreensão da conservação de objetos arqueológicos da Diocese da Cidade de Goiás, entende-se que a dedicação à disciplina deve ser acompanhada com o conhecimento conservativo, mas também o apoio financeiro, pois a sustentação de acervos de vários fragmentos e objetos podem ser dispendiosos.

A profissão de conservador ou arqueólogo-conservador no Brasil tem pouca procura, em função de verba em museus e projetos ambientais. Além do mais, o estímulo de profissões ligado às culturas são poucas estimuladas em Goiás, tendo mais foco em áreas de agronegócios.

Em conclusão, a conservação como algo tratado em ambientes museais e acadêmicos em Goiás é baixo/ pouco, mas ainda é visto seu uso e foco em alguns locais, principalmente concentrando em cidades como Goiânia, a capital. Uma grande parte de responsabilidade cai no governo do estado de Goiás para o estímulo da preservação do patrimônio regional, o que inclui a conservação, mas também estudos museais, a capacitação de profissionais da área de educação patrimonial, a celebração do patrimônio através de eventos colaborativos, como feiras e exposições, e vários outros.

Referências Bibliográficas

BASILISSI, Vilma; PANNUZI, Simona; GIOMMI, Marta; RIVAROLI, Laura. Lacuna e integrazione nel restauro dei metalli archeologici: oltri la ricomposizione, verso la restituzione dell'opera. Riflessioni e proposte, tra teoria e prassi. **Istituto Superiore per la Conservazione ed il Restauro**, [S. l.], p. 134-142, 25 ago. 2019. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/335389790_Lacuna_e_integrazione_nel_restauro_dei_metalli_archeologici_oltre_la_ricomposizione_verso_la_restituzione_dell_opera_Riflessioni_e_proposte_tra_teorica_e_prassi. Acesso em: 20 out. 2025.

BERTRAN, Paulo; FAQUINI, Rui. **Cidade de Goiás, Patrimônio da Humanidade: Origens**. Brasília e São Paulo: Verano e Takano, 2001. 168 p.

BORGES, Rogério. Com a fé não costuma faiá. [S. l.], 9 out. 2021. Disponível em: <https://especiais.opopular.com.br/goias-20-anos-da-concessao-do-titulo-de-patrimonio-da-humanidade/com-a-fe-nao-costuma-faiá>. Acesso em: 3 set. 2025.

BRITANNICA. **Glass**: Definition, Composition, Material, Types & Facts. [S. l.]: Editors de Britannica, 20 jul. 1998. Disponível em: <https://www.britannica.com/technology/glass>. Acesso em: 26 nov. 2025.

CABRAL, Lucia Almeida da Cunha. **O Extinto Seminário Santa Cruz**: Cultural material e historiografia. Orientador: Cristiane Loriza Dantas. 2016. 86 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arqueologia) - Instituto Goiano de Pré-história e Antropologia, Brasília e São Paulo, 2016.

CAMARGO, Paulo Fernando Bava de; ZANETTINI, Paulo Eduardo. **Cacos e mais cacos**: O que fazer com eles?: Guia Arqueológico de Classificação e Análise. [S. l.]: Editora UFS, 2017. 121 p. ISBN 978-85-7822-586-5. Disponível em: <https://www.livraria.ufs.br/produto/cacos-e-mais-cacos-de-vidro-o-que-fazer-com-eles-guia-antropologico-de-classificacao-e-analise>. Acesso em: 18 nov. 2025.

CHIOSSI, Bruno Perea. Conservação Arqueológica: Reflexões e possibilidades, 2018. 326 fls. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural) - IPHAN, Rio de Janeiro, 2018.

Citaliarestaura. Conservação e restauro de pintura. Citaliarestaura.com. 2025. Disponível em: <https://citaliarestauro.com/categoria-produto/tema-de-curso/conservacao-e-restauro>. Acesso em: 22, out 2025.

COELHO, Gustavo Neiva. **A formação do espaço urbano nas vilas do ouro: o caso de Vila Boa**. 1997. 131 p. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias) - UFG, [S. l.], 1997. Disponível em:

https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/COELHO__Gustavo_Neiva._1997.pdf.

Acesso em: 24 set. 2025.

CRESSEY, Pamela J.; STEPHENS, John F. The City-Site Approach to Urban Archaeology. *In*: DICKENS JR., Roy S. (ed.). **Archaeology of Urban America: The Search for Pattern and Process**. New York: Academic Press, 1982. cap. 3, p. 41-61. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/B9780122149801500032>. Acesso em: 13 out. 2025.

CRONYN, J. M.; ROBINSON, W. S. **The Elements of Archaeological Conservation**. 1. ed. London: Routledge, Taylor & Francis Group, 1990. 326 p. ISBN 0-415-01207-4 (Print Edition).

DANTAS, C. L. Fonte de memórias: Sítio Arqueológico Histórico Fonte da Carioca. **Revista Habitus - Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia**, Goiânia, Brasil, v. 12, n. 2, p. 329–330, 2015. DOI: 10.18224/hab.v12.2.2014.329-330. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/4089>. Acesso em: 15 abr. 2024.

DANTAS, Cristiane Loriza; OLIVEIRA, Fernanda Fonseca Cruvinel de. **Projeto de Resgate e Monitoramento da Requalificação da Sede da Diocese de Goiás - Instalação do Arquivo Diocesano**. Goiânia: [s. n.], 2015. Disponível em: <https://goias.gov.br/cultura/cidade-de/#:~:text=A%20Cidade%20de%20Goiás%2C%20antiga,índios%20Goyazes%2C%20seus%20primitivos%20habitantes>. Acesso em: 3 set. 2025.

DANTAS, Cristiane Loriza; OLIVEIRA, Fernanda Fonseca Cruvinel de. **Relatório Final de Resgate e Monitoramento Arqueológico da Requalificação da Sede da Diocese de Goiás- Instalação do Arquivo Diocesano**. Goiânia: [s. n.], 2015. 134 p.

DIOCESE DE GOIÁS (Cidade de Goiás-GO). **História da Diocese de Goiás**. Cidade de Goiás, 2021. Disponível em: <https://diocesedegoias.org.br/diocese/historia>. Acesso em: 1 out. 2025.

DIONÍSIO, Giulia. Conservation and Restoration procedures for archaeological artefacts: The Erimi conservation laboratory. **A Middle Bronze Age Community in Cyprus**, [s. l.], v. 145, p. 335-345, 14 out. 2025. Disponível em: https://www.academia.edu/44381173/Conservation_and_restoration_procedures_for_archaeological_artefacts_the_Erimi_conservation_laboratory. Acesso em: 14 out. 2025.

EMBRAPA. EMBRAPA. Latossolos. *In*: EMBRAPA. EMBRAPA. **Latossolos**. [S. l.]: Djalma Martinhão Gomes de Sousa e Edson Lobato, 8 dez. 2021. Disponível em: <https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/tematicas/bioma->

cerrado/solo/tipos-de-solo/latossolos#:~:text=São%20solos%20com%20alta%20permeabilidade,como%20silte%20e%20areia%20fina. Acesso em: 21 jun. 2024.

Frazzi, Patrícia, “Conservación preventiva para objetos arqueológicos históricos em contextos urbanos”, *Estudios Ibero-Americanos*, PUCRS, v. XXVIII, n. 2, Porto Alegre, 2002, pp. 95-111.

GOVERNMENT OF WESTERN AUSTRALIA (Australia). Western Australian Museum. **Conservation and Care Collections**: Ceramics Treatments. Western Australia, 2017. Disponível em: <https://manual.museum.wa.gov.au/conservation-and-care-collections-2017/ceramics/treatments/index.html>. Acesso em: 18 nov. 2025.

JONES, Olive; SULLIVAN, Catherine. **The Parks Canada Glass Glossary**: For the description of containers, tableware, flat glass and closures. Ottawa: Minister of Supply and Services Canada, 1981. 184 p. ISBN 0-660-13245-1.

MARYLAND ARCHAEOLOGICAL CONSERVATION LAB. Creamware. In: JEFFERSON PATTERNSON PARK AND MUSEUM (Maryland (MD)). **Diagnostic Artifacts in Maryland**. St. Leonard, Maryland, 2002. Disponível em: <https://apps.jefpat.maryland.gov/diagnostic/ColonialCeramics/Colonial%20Ware%20Descriptions/Creamware.html>. Acesso em: 6 dez. 2025.

MINISTÉRIO DA CULTURA (Brasil). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Instrução Normativa número 001, de 25 de março de 2015**. Brasil, p. 1-35, 25 mar. 2015. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Instrucao_normativa_01_2015.pdf. Acesso em: 7 out. 2025.

NIELSEN-GRIMM, Glenna; HAYNIE, Robyn. Care of Archaeological Materials Begins in the Field. **Advances in Archaeological Practices**, Cambridge University Press, v. 7, ed. 3, p. 284-291, agosto 2019.

PALACÍN, Luís. **O Século do Ouro em Goiás: 1722- 1822**: estrutura e conjuntura numa capitânia de Minas. 4. ed. atual. Goiânia: Editora da UCG, 1994. 162 p.

REVISTA Videre: Resgate histórico das Indústrias Matarazzo de Presidente Prudente através da fotodocumentação. Presidente Prudente, SP: [s. n.], 2008. 40 p. Disponível em: http://tvfacopp.unoeste.br/tvfacopp/online/medias/arquivos/t532008-12-1919-33-21%5d%5bREVISTA_VIDERE.pdf. Acesso em: 5 dez. 2025.

Ribeiro, J. F & Walter, B. M. T. As Principais Fitofisionomias do Bioma Cerrado. In: SANO, S. M.; ALMEIDA, S. P. de; RIBEIRO, J. F. (Ed.). **Cerrado**: ecologia e flora v. 2. Brasília: EMBRAPA-CERRADOS, 2008. 876 p.

RUBIN, Júlio César Rubin de; BARBOSA, Jordana Batista; SILVA, Rosiclér Theodoro da; PIRES, Matheus Godoy; VIANA, Sibeli Aparecida; BARBERI, Maira; OLIVEIRA, Flávio César Gomes de; RESENDE, Fernanda Elisa Costa Paulino; RADEL, Claudete.

Análise integrada dos sítios arqueológicos dos núcleos E - F e Macaco, Serranópolis, Goiás. **Clio Arqueológica**, Recife, Pernambuco, ano 2023, v. 38, n. 1, p. 12-40, 5 abr. 2023. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/373050341_ANALISE_INTEGRADA_DOS_SITIOS_ARQUEOLOGICOS_DOS_NUCLEOS_E_F_E_MACACO_SERRANOPOLIS_GOIAS_INTEGRATED_ANALYSIS_OF_THE_ARCHAEOLOGICAL_SITES_OF_NUCLEOS_E_F_AND_MACACO_SERRANOPOLIS_GOIAS. Acesso em: 21 jun. 2024.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA (Goiás). Estado de Goiás. Cidade de Goiás. [S. l.], 2004. Disponível em: <https://goias.gov.br/cultura/cidade-de/#:~:text=A%20Cidade%20de%20Goiás%2C%20antiga,Índios%20Goyazes%2C%20seus%20primitivos%20habitantes>. Acesso em: 3 set. 2025.

SECRETARIA DO ESTADO DA CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA (Alagoas). **Preservação do Patrimônio**. Alagoas, 2022. Disponível em: <https://www.secult.al.gov.br/patrimonio-cultural/principal/paginas/preservacao-do-patrimonio>. Acesso em: 7 out. 2025.

SILVA, José Trindade da Fonseca e. **Lugares e Pessoas**: Subsídios eclesiásticos para a história de Goiás. Goiânia: Editora da UCG, 2006. 489 p. v. 1.

SILVERMAN, David J. **Thundersticks**: Firearms and the Violent Transformation of Native America. 1. ed. Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 2016. 371 p. v. 1. ISBN 9780674737471.

SOUZA, José Carlos de; SILVA, Ana Domingas Leite da; SALGADO, Aparecida Pereira; MATA, Audirene dos Santos da; GODINHO, Danielle Cristina. Avaliação Geoambiental das margens da rodovia GO-070: Trajetos entre as cidades de Goiás e Itaberaí. **Revista Cerrados**, Universidade Estadual de Monte Claro, v. 18, n. 1, p. 23-43, 8 abr. 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5769/576962804007/html/>. Acesso em: 26 nov. 2025.

SOUZA, Luiz Antônio Cruz; FRONER, Yaci-Ara. Tópicos em Conservação Preventiva: Reconhecimento de materiais que compõem acervos. *In*: SOUZA, Luiz Antônio Cruz; FRONER, Yaci-Ara. **Conservação Preventiva**: Avaliação e diagnóstico de coleções. Minas Gerais: UFMG, 2008. v. 4, cap. 4, p. 3-30.

TEIXEIRA, Lia Canola; GHIZONI, Vanilde Rohling. **Coleção Estudos Museológicos: Conservação Preventiva de Acervos**. Florianópolis: FCC Edições, 2012. 76 p. v. 1. *E-book* (76 p.).

THE ROLE OF THE CONSERVATOR ON AN ARCHAEOLOGICAL EXCAVATION. Japanese Institute of Anatolian Archaeology: [s. n.], 1999- . 1999-2010. Disponível em: <http://www.jiaa-kaman.org/en/fn1.html>. Acesso em: 21 jun. 2024.

TIBALLI, Elianda Figueiredo Arantes. **A expansão do povoamento em Goiás: Século XIX**. Orientador: Luís Palacin. 1991. 138 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituição de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1991. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/ELIANDA_TIBALLI_1_A_138_mesclado-girado.pdf. Acesso em: 5 set. 2025.

TOCCHETTO, Fernanda Bordin; SYMANSKI, Luís Claudio Pereira; OZÓRIO, Sérgio Rovani; OLIVEIRA, Alberto Tavares Duarte de; CAPELLETTI, Ângela Maria. **A Faiança Fina em Porto Alegre: Vestígios Arqueológicos de uma cidade**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 2001. 168 p.

TOCCHETTO, Fernanda; THIESEN, Beatriz. A Memória Fora de Nós: A preservação do patrimônio arqueológico em áreas urbanas. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Patrimônio Arqueológico: o desafio da preservação**, Brasília, p. 175-199, 2007. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/publicacoes/lista?categoria=&busca=revista+do+patrimonio>. Acesso em: 21 jun. 2024

TOLEDO, Grasiela Tebaldi. **Musealização da Arqueologia e Conservação arqueológica: experiências e perspectivas para a preservação patrimonial**, 2017. 489 p. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. 2017

VIDRADO. **Breve Cronologia da Indústria do Vidro no Brasil**. Rio de Janeiro, 2025. Disponível em: <https://vidrado.com/noticias/historia/breve-cronologia-da-industria-do-vidro-no-brasil/>. Acesso em: 6 dez. 2025.

VOGEL, Arno; DA SILVA MELLO, Marco Antonio. Sistemas construídos e memória social: uma arqueologia urbana?. **Revista de Arqueologia**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 46–50, 1984. DOI: 10.24885/sab.v2i2.42. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/42>. Acesso em: 21 jun. 2024.

WILLIAMS, Emily; PEACHEY, Claire; WATSON, John R. The elements of conservation: a conceptual model. **The Conservation of Archaeological Materials: Current trends and future directions**, Reino Unido, p. 11-15, 2016. DOI <https://doi.org/10.30861/9781407306575>. Disponível em: https://www.academia.edu/113950314/The_Conservation_of_Archaeological_Materials_Current_trends_and_future_directions. Acesso em: 13 out. 2025.

Apêndice

Apêndice A - Xícara de porcelana com decoração.



Elaborado: Silva, 2025.

Apêndice B - Faiança fina com faixas e frisos.



Elaborado: Silva, 2025.

Apêndice C - Xícara com afixas e frisos.



Elaborado: Silva, 2025.

Apêndice D - Xícara lisa.



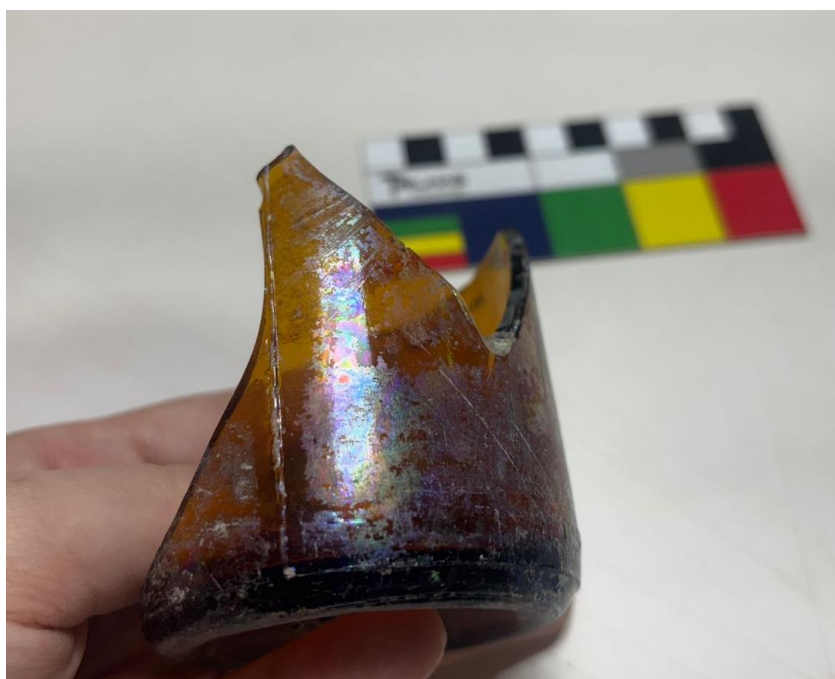
Elaborado: Silva, 2025.

Apêndice E - Garrafa de vidro "Destilaria".



Elaborado: Silva, 2025.

Apêndice F - Vidro irizado.



Elaborado: Silva, 2025.

Apêndice G - Louças variadas.



Elaborado: Silva, 2025.

Apêndice H - Louça deteriorada.



Elaborado: Silva, 2025.

Apêndice I- Louça alterada.



Elaborado: Silva, 2025.

Apêndice J - Variadas louças.



Elaborado: Silva, 2025.

Apêndice K - Variados vidros.



Elaborado: Silva, 2025.

Apêndice L - Variados vidros.



Elaborado: Silva, 2025.

Apêndice M - Vidro de remédio Francisco Giffoni.



Elaborado: Silva, 2025.

Apêndice N - Vidro de remédio Francisco Giffoni.



Elaborado: Silva, 2025.

Apêndice O - Vidro com incrustação.



Elaborado: Silva, 2025.